



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE ARTE E MÍDIA
BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – EDUCOMUNICAÇÃO**

YASMIN AMÉLIA FIRMINO

**VIOLÊNCIA, ABUSO SEXUAL E OBJETIFICAÇÃO DA MULHER: UMA
ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MINISSÉRIE TEREZA BATISTA**

**Campina Grande – Paraíba
2021**

YASMIN AMÉLIA FIRMINO

**VIOLÊNCIA, ABUSO SEXUAL E OBJETIFICAÇÃO DA MULHER: UMA
ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MINISSÉRIE TEREZA BATISTA**

Monografia submetida à Unidade Acadêmica de Arte e Mídia como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação, pela Universidade Federal de Campina Grande.

Orientador (a): Danielle Andrade Souza

Campina Grande - Paraíba

Maior/2021

F525v

Firmino, Yasmin Amélia.

Violência, abuso sexual e objetificação da mulher: uma análise de conteúdo da minissérie Tereza Batista / Yasmin Amélia Firmino. - Campina Grande, 2021.

61 f. : il. Color

Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação: Profa. Dra. Danielle Andrade Souza".

Referências.

1. Comunicação Social. 2. Minissérie Tereza Batista. 3. Educomunicação. 4. Violência contra a Mulher. 5. Feminismo Negro. I. Souza, Danielle Andrade. II. Título.

CDU 316.77(043)

YASMIN AMÉLIA FIRMINO

**VIOLÊNCIA, ABUSO SEXUAL E OBJETIFICAÇÃO DA MULHER: UMA
ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MINISSÉRIE TEREZA BATISTA**

Monografia submetida à Unidade Acadêmica de Arte e Mídia como requisito parcial para a Obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação, pela Universidade Federal de Campina Grande.

Apresentado em 24 de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Danielle Andrade Souza, doutora
Orientadora – UAAMI / CH / UFCG

Profa. Maria das Graças Amaro da Silva, doutora
Membro interno – UAAMI / CH / UFCG

Profa. Marina Magalhães de Moraes, doutora
Membro externo – DECOM / UEPB

**Campina Grande – Paraíba
2021**

AGRADECIMENTOS

Primeiro, gratidão a Deus e ao universo, por terem me permitido chegar até aqui. Não foi fácil, mas, é necessário sempre acreditar que é possível.

Dedico este trabalho à minha família. Em especial, a minha mãe, Gerusa, que nunca mediu esforços, sempre apoiou meus sonhos e esteve comigo nos momentos mais difíceis. Ao meu irmão, Robson, que muitas vezes não me deixou cair e me levantou até mesmo quando eu pensei em desistir. Ao meu pai, Firmino, que mesmo de longe se fez presente e sempre investiu na minha educação, me apoiando e me motivando. À minha sobrinha Pérola, que muitas vezes foi motivo de calma, quando eu estava em dias de caos. Essa vitória é nossa.

Ao meu namorado Yuri, que desde o início da graduação esteve ao meu lado, enfrentando as dificuldades, me dando apoio, suportando momentos de ansiedade e angústia, me dando forças para continuar e sendo o melhor companheiro que eu poderia ter.

À dona Fátima e sua família, que foram anjos em minha vida e foram meu lar quando estava longe do meu berço familiar.

À minhas amigas Gabrielle e Micaela, que mesmo há quilômetros de distância, se fizeram presentes em momentos de desabafo, conselhos e reclamações.

Aos meus amigos Felipe, Jones, Gregório e Matheus, que de alguma forma contribuíram em minha vida pessoal e acadêmica. Vocês são grandes irmãos para mim.

À Hérika, Ana Letícia e Priscila, que apesar da distância atual, foram essenciais no meu processo e se fizeram base no início de tudo. Nunca esquecerei de vocês.

Aos meus professores da UFCG, em especial, à minha orientadora Danielle, que foi muito mais que professora, e sim uma grande amiga. Dani, espero que a nossa amizade ultrapasse os muros da Universidade e nos leve à lugares incríveis. Obrigada por tudo!

Toda honra e toda Glória é Tua, Senhor! Obrigada por ter me dado o privilégio de viver tudo isso! Amém.

“É necessário sempre acreditar
que o sonho é possível,
Que o céu é o limite e você é
imbatível.
Que o tempo ruim vai passar é
só uma fase.
Que o sofrimento alimenta mais
a sua coragem.”

(Racionais MC's)

RESUMO

Observando as linguagens existentes em transmissões feitas via televisão e plataformas digitais, essa pesquisa estuda a figura feminina de Tereza Batista da obra de Jorge Amado (1992), exibida pela Rede Globo de Televisão através do formato de minissérie. A partir da análise de sete episódios, buscamos articular temas ainda muito presentes nos dias atuais como: violência doméstica, machismo, objetificação do corpo da mulher, pedofilia, abuso sexual; e assim, relacioná-los com as categorias de violência contra a mulher e feminismo negro. Esta é uma pesquisa qualitativa onde utiliza-se a análise de conteúdo como principal método de avaliação das cenas escolhidas. Conclusivamente, para além de toda a violência que envolvia a protagonista, Tereza Batista ao final, revela-se, como uma grande defensora, a qual "levanta uma bandeira" em nome das mulheres que tal como ela, sofriam abusos de toda natureza.

Palavras-chave: Minissérie Tereza Batista. Violência contra a mulher. Feminismo Negro.

ABSTRACT

Observing the existing languages in transmissions made via television and digital platforms, this research studies the female figure of Tereza Batista from the work of Jorge Amado (1992), shown by Rede Globo de Televisão in the form of Miniseries. From the analysis of seven episodes, we seek to articulate themes that are still very present today: domestic violence, machismo, objetification of woman's body, pedophilia, sexual abuse; and thus, relate them to categories of violence against women and black feminism. This is a qualitative research where content analysis is used as the main method of evaluating the chosen scenes. In conclusion, in addition to all the violence that involved the protagonist, Tereza Batista at the end; reveals herself, as a great defender, who "raises a flag" in the name of women who, like her, suffered from abuse of all kinds.

Keywords: Miniseries Tereza Batista. Violence against women. Black feminism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. FEMINISMO: CONCEITO HISTÓRIA.....	15
1.1.2 FEMINISMO NO BRASIL.....	20
1.2 FEMINISMO NEGRO.....	24
2. O YOUTUBE COMO FORMA DE RETRASSMISSÃO DA MINISSÉRIE TEREZA BATISTA: O ANALÓGICO VERSUS O DIGITAL.....	29
2.1 A MINISSÉRIE NA TELEVISÃO.....	29
2.2 A MINISSÉRIE TRANSMITIDA VIA YOUTUBE.....	33
2.3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	36
3. ANÁLISES.....	38
3.1 CONTEXTUALIZANDO A MINISSÉRIE: TEREZA BATISTA (1992).....	38
3.2 VENDIDA AOS 13: UM RETRATO DA PEDOFILIA E DO ABUSO SEXUAL.....	43
3.2.1 VIOLÊNCIA/TORTURA CONTRA A MULHER.....	47
3.2.2 TEREZA BATISTA COMO DEFENSORA DAS MULHERES: SORORIDADE.....	53
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59

INTRODUÇÃO

É sabido que a luta feminina pela igualdade continua em tempos hodiernos. As mulheres sempre ocupavam um lugar secundário dentro da sociedade. Ofuscada pela figura masculina, sem voz ativa, sendo submissa ao patriarcado, a mulher dificilmente era valorizada e sempre era taxada como “sexo frágil”. Dependentes do pai ou do esposo, por muitos anos, elas não tinham sequer o direito de fazer suas próprias escolhas, sempre exercendo um papel de servidão para com eles.

Homens, como um grupo, são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, do pressuposto de que são superiores às mulheres e deveriam nos controlar. Mas esses benefícios tinham um preço. Em troca de todas as delícias que os homens recebem do patriarcado, é exigido que dominem as mulheres, que nos explorem e nos oprimam, fazendo uso da violência, se precisarem, para manter o patriarcado intacto (HOOKS, B. 2020, p. 13).

Nos dias atuais, apesar de tantas lutas e várias conquistas, a mulher continua buscando por seus direitos e por igualdade na sociedade. Para se ter uma ideia, de acordo com uma pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em março de 2021, as mulheres receberam 77,7% dos salários dos homens em 2019. A diferença chega a ser mais elevada quando se trata de cargos de chefia, como diretores e gerentes, nos quais as mulheres ganharam apenas 61,9% do rendimento dos homens. Os dados ainda mostram que a maior desigualdade salarial está na região Sudeste, e que apenas 34,7% dos cargos de gerência do país são ocupados pelo sexo feminino.¹ Sendo assim, a pesquisa comprova a escancarada desigualdade salarial entre os gêneros.

É válido destacar que a desigualdade entre homens e mulheres não é só na “vida real”. Nas telas de cinema, nas telenovelas e minisséries é possível assistir a cenas e se apegar a enredos que desvalorizam a jornada das mulheres, objetificam os seus corpos e reforçam a cultura do machismo impregnado na sociedade. Diante disso, é importante entender o poder que a televisão tem de influenciar seus telespectadores e como ela é necessária na formação de opinião.

¹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/03/04/mulheres-ganham-77-7-dos-salarios-dos-homens-no-brasil-diz-ibge>. Acesso em: 18 abr. 2021.

Por muitos anos, as mulheres viveram papéis na ficção que reforçavam estereótipos. “Mocinhas”, mães de família, prostitutas, esposa submissa, empregadas domésticas (que em sua grande parte eram negras). Era difícil ver mulheres no geral atuando em cargos de chefia, como médicas, empresárias e advogadas.

Era comum vermos a figura feminina sempre em plano secundário, associada a um romance proibido ou dependente de uma figura masculina para chamar atenção na trama. Quando não era retratada assim, colocavam seus corpos em ênfase, a fim de buscar atenção do telespectador, através da hipersexualização da mulher. E é diante dessas retratações da figura feminina em produções audiovisuais, que esta pesquisa se iniciou.

A motivação para este trabalho se deu a partir do contato com as representações das mulheres em minisséries da Rede Globo. A mídia, tanto por influenciar e inspirar a sociedade, dá exemplos de como a cultura do machismo e a objetificação da mulher é presente no Brasil. Como uma das principais fontes de entretenimento no país é a televisão (QUINAN, 2016), é interessante observar como ela aborda temas sociais importantes como sexualidade, violência contra a mulher, relacionamento abusivo e estupro.

É perceptível que há uma supervalorização de enredos que romantizam a violência de gênero nas produções de ficção seriada na Rede Globo. Na década de 1990, a situação era mais alarmante porque a grande maioria das obras colocavam as mulheres em situações vexatórias, contribuindo e reforçando o machismo estrutural dentro da sociedade. Desse modo, decidimos realizar uma análise de conteúdo da minissérie *Tereza Batista* (1992), baseada na obra de Jorge Amado, colocando em pauta o conteúdo da minissérie. Além disso, trazemos para debate o fato da minissérie, mesmo sendo de 1990, abordar temas que ainda são atuais e ter uma audiência bastante elevada na plataforma digital *YouTube*, apesar do conteúdo que diminui e objetifica a figura feminina.

Esta minissérie é baseada na obra do escritor baiano, Jorge Amado, *Tereza Batista - Cansada de guerra*, escrita em 1972, mas adaptada para a televisão em 1992. Uma produção que exibia cenas de violência física, psicológica, tortura, abuso sexual e pedofilia, em uma emissora de canal aberto e sem classificação indicativa.

Outro ponto a ser tratado aqui é sobre como a mulher era objetificada e colocada à disposição para suprir as vontades e necessidades dos homens na minissérie de maneira forçada e brusca. Cenas de explanação do corpo feminino, toques sem consentimento, erotização precoce de crianças e pré-adolescentes, estupro e a intimidade feminina exposta como prêmio, fazem parte no decorrer da trama. Inspirada e reproduzida na sociedade, a minissérie *Tereza Batista* romantiza a cultura do estupro, naturaliza a pedofilia e a prostituição sem qualquer respeito à mulher, principalmente aquelas que são vítimas e vivenciam a violência doméstica e sexual.

Diante dessa situação, elencamos, como principal problema de pesquisa, a seguinte questão: Como se caracteriza a figura da mulher na minissérie *Tereza Batista* (1992)?

E, para aprofundar as discussões, construímos uma série de perguntas consequentes, a saber: O que é a objetificação da mulher? O que é uma minissérie? Como acontece a objetificação da mulher na minissérie? Por que a minissérie *Tereza Batista* continua tendo elevada audiência em plataformas digitais nos dias atuais?

Especificamente, pretendemos: a) compreender o que é a objetificação da mulher, e como esse conceito era aplicado na minissérie *Tereza Batista*; b) abordar como as mulheres eram retratadas na minissérie *Tereza Batista*; c) observar e mostrar como a cultura do machismo e do patriarcado se apresentava de forma enraizada na obra.

Em uma época que não havia internet e uma tecnologia tão avançada como atualmente, a televisão era responsável por exibir essas obras. Com base nos dados fornecidos pela plataforma digital *YouTube*, analisamos também os índices de audiência que a minissérie detém em tempos atuais. Apesar de ser uma obra exibida primordialmente há 29 anos, ainda possui uma grande visibilidade.

Este trabalho é de relevância, pois articula a importância do feminismo e do empoderamento feminino, que me foi ensinado desde pequena: o meu corpo é apenas de meu domínio e que eu posso ser da maneira que eu quiser, sem me basear nos parâmetros que a mídia formata sobre nossos corpos.

Perante a sociedade, este trabalho nos faz entender como os meios massivos de comunicação podem continuar objetificando a figura feminina, subestimando a capacidade da mulher, retratando sua imagem apenas como objeto de desejo e satisfação do homem. É válido destacar também que essa pesquisa estuda e analisa como a mídia retrata a figura feminina em produções de ficção seriada. Nosso interesse, essencialmente educomunicativo, é fazer com que, em algum momento, o telespectador reflita sobre o tipo de entretenimento que ele está consumindo.

No meio acadêmico, esta pesquisa é de extrema importância, pois ela nos faz compreender conceitos como feminismo e feminismo negro, a história do feminismo no Brasil, além de empoderamento feminino e desigualdade de gênero, nos levando a discutir temas e assuntos que devem ser repensados e nos fazendo criar um pensamento crítico-reflexivo sobre o tipo de mídia e de entretenimento que a nossa sociedade costuma consumir.

Para realizarmos esta pesquisa, utilizamos diferentes teóricos e especialistas no assunto. Neste sentido, em relação ao feminismo, recorreremos a Gurgel (2010), que aborda sobre o conceito e história deste movimento; Bell Hooks (2020), que aborda que o feminismo é para todos; além de Djamila Ribeiro (2020), que estuda o feminismo negro. No tocante à minissérie, buscamos D'Abreu (2016 e 2019), que trabalha com a representação de mulheres em minisséries de TV; Lima (2015 e 2017), que especifica os enredos das obras das minisséries exibidas no horário das 23 horas na Rede Globo; e Quinan (2016), que aborda a cultura do estupro em telenovelas da emissora citada. No tocante à plataforma digital, trazemos conceitos de *Youtube* através de Burgess e Green (2009), e o de cultura da convergência de Jenkins (2009).

Tratando-se da metodologia, o trabalho está inserido dentro de uma pesquisa de natureza simples, pois, a finalidade é analisar o conteúdo da minissérie *Tereza Batista*, a qual naturaliza a cultura da pedofilia e do estupro. Essa análise mostrará como a minissérie era voltada para uma figura machista e patriarcal. Utilizamos, também, estudos de cunho bibliográfico para entendermos o conceito de feminismo e objetificação da mulher.

Para alcançarmos o objetivo dessa pesquisa, utilizamos referências bibliográficas que nos fizeram compreender o conceito de minissérie e como a presença feminina é destacada dentro dessas obras.

No primeiro capítulo, trabalhamos com tópicos sobre feminismo, feminismo no Brasil e feminismo negro. No segundo, trouxemos uma comparação entre o analógico *versus* digital, comparando a transmissão da minissérie em 1992, via televisão; e a sua retransmissão via plataforma *Youtube*. Por fim, no terceiro capítulo, realizamos a análise de conteúdo da minissérie, destacando cenas e diálogos que colocam a pedofilia, o abuso sexual, a violência de gênero e a cultura de estupro como forma de entretenimento.

1. FEMINISMO: CONCEITO E HISTÓRIA

Não é de hoje que as mulheres buscam por igualdade e respeito perante a sociedade. Esta luta começou há centenas de anos e, mesmo assim, está longe de chegar ao fim. É comum observar inúmeros casos de violência contra a mulher, seja ela física, psíquica, sexual ou moral. O feminicídio² já virou um crime comum e a cultura do estupro ainda perdura nos dias atuais. Segundo Susan Brownmiller, “mulheres são treinadas para serem vítimas de estupro” (BROWNMILLER, 1975, p. 309). Meninas já nascem com o “peso” de ser mulher e são ensinadas, desde criança, o que é o estupro. Elas sabem que mulheres são normalmente estupradas, homens não.

Falar sobre estupro, mesmo com risadas nervosas, é reconhecer o status especial de vítima feminina. Nós ouvimos os sussurros quando somos crianças: garotas são estupradas. Não garotos. A mensagem é clara. Estupro tem algo a ver com o nosso sexo. Estupro é algo terrível que ocorre com pessoas do sexo feminino: é a escuridão no topo das escadas, o indefinível abismo que está no canto, e ao menos que estejamos atentas aos nossos passos, poderá tornar-se o nosso destino (BROWNMILLER, 1975, p. 309 apud QUINAN, 2016, p. 7).

Em alguns países em situação de guerra, mulheres são estupradas como forma de impor poder de um país rival sobre o outro. Meninas são criadas com a responsabilidade de prevenir o abuso sexual. Elas compreendem o que é o estupro e o que fazer para evitá-lo, mesmo sabendo que a culpa nunca é da vítima e sim do homem que força algo que não é consentido. Responsabilidade essa que é passada de geração em geração e que permanece enraizada culturalmente na sociedade.

A palavra “feminismo” vem do latim *femīna*, que traduzida literalmente para o português significa “mulher”. Bell Hooks conceitua como um movimento para acabar com sexismo, a exploração sexista e opressão (HOOKS, 2020). Os primeiros sinais do feminismo surgem na França, durante o processo da Revolução Francesa. Além da reivindicação dos direitos políticos, as mulheres

² Feminicídio: Homicídio praticado contra a mulher pelo simples fato de ela ser mulher.

lutavam pelo direito do alistamento militar e acesso às armas, em defesa da revolução.

O feminismo em seu início, enquanto movimento, envolve diversas manifestações responsáveis pela luta das mulheres por igualdade entre homens e mulheres, bem como pela concessão de direitos, principalmente pelo acesso aos espaços de decisões políticas. Surgiu a partir das ideias iluministas, entre os anos de 1680 e 1780. Quanto às origens políticas do movimento, essas se tornaram visíveis a partir da Revolução Francesa, em 1789 (MONTEIRO e GRUBBA, 2017, p. 263).

Gurgel analisa o combate das mulheres na Revolução Francesa e descreve os principais pontos da luta contra a sociedade conservadora e patriarcal da época quando expõe que:

Além de lutarem pela consolidação do poder popular em contraponto ao poder burguês, as mulheres iniciaram uma batalha histórica em torno do direito de participar ativamente da vida pública, no campo do trabalho, da educação e da representatividade política (GURGEL, 2010, p. 1).

As mulheres não podiam expressar pensamentos políticos. Diante de uma hierarquia pregada na sociedade burguesa, na qual o homem era o chefe de família, a figura feminina e todos os outros deveriam ser subordinados à figura patriarcal. Vale salientar que elas não tinham sequer o direito de escolher o amor livre ou o divórcio. Lutavam em busca dos direitos civis e políticos, buscando liberdade e igualdade para todas. Além dessas ações, as feministas proclamavam também a igualdade como condição de cidadania para todos (GURGEL, 2010).

Riot-Sarcey (2002) deixa claro os argumentos que justificavam as proibições destinadas às mulheres:

Todos os habitantes de um país devem e gozam de direitos de cidadãos passivos, todos têm direito à proteção de sua pessoa, de sua propriedade, de sua liberdade, etc... mas nem todos têm o direito a ser parte ativa da formação do poder público; nem todos são cidadãos ativos. As mulheres, [...] as crianças, os estrangeiros, aqueles que não contribuem em nada para o funcionamento público não devem, pois, influenciar na coisa pública (RIOT-SARCEY, 2002 apud GURGEL, 2010, p. 1).

Diante do que foi destacado pelas autoras acima, é importante observar quando enquadram a figura feminina como aquela que não contribui em nada para o funcionamento público. É válido ressaltar a injustiça e o desprezo que se

tinha às mulheres na sociedade da época, desvalorizando todo o serviço prestado à sociedade como mãe, esposa e dona de casa.

Quando trabalhamos com o feminismo, é necessário a compreensão dos conceitos de misoginia e sexismo.

A misoginia é um aspecto central da violência contra as mulheres e da violência homofóbica. Ela se manifesta em várias formas diferentes de piadas, pornografia e violência. Até os padrões excessivos e inalcançáveis de beleza podem ser enquadrados como um aspecto da misoginia da nossa cultura ocidental moderna. Em resumo, a misoginia está relacionada à desvalorização do feminino e, em sua versão mais radical, ao ódio ou desprezo ao feminino (BORGES; PERURENA; PASSAMANI; BULSING, 2013, p. 66).

Entrelaçado ao conceito de misoginia, o sexismo segue a mesma linhagem de pensamento. É a discriminação de pessoas baseadas no gênero ou no sexo, podendo afetar qualquer tipo de gênero. Diante de uma sociedade machista³, é válido destacar que prevalece a discriminação pelo gênero feminino. A desigualdade de gênero é construída desde criança, quando meninas são induzidas a vida doméstica e materna, com brinquedos que remetem aos cuidados do lar e os meninos são incentivados a serem engenheiros, cientistas e jogadores de futebol. Deve-se salientar que este assunto tem ganhado cada vez mais visibilidade em debates sociais nos últimos anos.

O feminismo surge na tentativa de acabar com esses conceitos convencionados socialmente. Bell Hooks (2020) afirma que o movimento não tem a ver com ser anti-homem, ao deixar claro que o problema é o sexismo. “O feminismo é antissexismo” (HOOKS, 2020, p. 31). As lutas feministas diárias são para romper os paradigmas de uma sociedade patriarcal, que reforça discursos machistas e coloca a mulher em papel de submissão. Santos afirma que:

As bases do feminismo se assentam na ideia de que a sociedade é organizada de forma patriarcal, em que o homem recebe vantagens sobre a mulher. De acordo com Beauvoir o papel sexual da mulher é, em grande parte passivo; viver imediatamente essa situação passiva não é tão masoquista como a atividade do macho é sádica; a mulher pode transcender as carícias, a comoção, a penetração para o seu próprio prazer...; ela pode também procurar a união com o amante e entregar-se-lhe, o que significa uma superação de si e não uma abdicação. O feminismo radical considera a concepção patriarcal da sociedade como causa de seus mais sérios problemas. Essa forma de feminismo foi popular na chamada segunda onda, mas hoje não tem muita força. Pela radicalidade e força aparente desse tipo de

³ Sociedade machista é aquela que crê na inferioridade da mulher, colocando o homem em uma posição superior ou na liderança.

feminismo, muitos ainda associam o termo “feminismo” somente às ideias do feminismo radical (SANTOS, 2011, p. 85).

O movimento feminista vem sendo pautado cada vez mais diante da sociedade, dando visibilidade a várias temáticas como o direito ao aborto, igualdade salarial, heteronormatividade⁴ e a violência contra a mulher. Simone de Beauvoir, uma das principais figuras do movimento feminista no século XX, autora do livro *'O Segundo Sexo'*, trabalhou com a ideia de que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1949, p. 362).

Parafraseando a autora, desconstrói-se o papel social da figura feminina na sociedade, dando ênfase de que as mulheres deveriam ter o domínio da própria vida para se tornarem o que quisessem, sem seguir a linha de pensamento que se era determinada para as elas assim que nasciam. Foram ensinadas que o domínio do desejo sexual e do prazer era sempre do homem, e que uma boa mulher que se preze jamais demonstraria ter apetite sexual. “Felizmente, o movimento feminista desafiou de imediato os estereótipos sexuais sexistas” (HOOKS, 2020, p. 127). Elas poderiam ter o direito ao aborto e à sexualidade livre sem uma determinação heteronormativa.

Simone de Beauvoir foi criada em uma família tradicional católica, através de uma educação conservadora, na qual recebia ensinamentos para ser uma boa mãe e dona de casa. Contudo, diferentemente de todas as mulheres da época, ela não se conformou com a ideia de seguir doutrinas e casar-se obrigada. Indo contra os princípios ensinados, a teórica francesa fez parte de uma grande revolução feminista, na luta por reconhecimento e voz ativa na sociedade. Monteiro e Grubba descrevem Beauvoir:

Era uma mulher singular, a qual pensava diferente da norma masculina hegemônica patriarcalista e não acreditava ou concordava que a mulher fosse limitada a condição natural que lhe era imposta, desde o nascimento, que era restrita a um comportamento padrão, no qual as mulheres deveriam casar-se, através de um casamento arranjado, ter filhos e serem donas de casa (MONTEIRO; GRUBBA, 2017, p. 266).

⁴ Termo que marginaliza orientações sexuais que diferem da heterossexual, enquadrando a heterossexualidade como norma.

Quando falamos do movimento feminista é de extrema necessidade destacarmos as divisões e os momentos em que cada onda aconteceu. Como já foi exposto, a primeira onda teve início na Revolução Francesa, mas, Monteiro e Grubba dividem os fatos como:

O movimento feminista foi dividido teoricamente em três ondas. A primeira onda ocorreu entre o final do século XIX e o começo do século XX; a segunda onda, entre os anos de 1960 e 1980; e a terceira onda, entre os anos de 1990 a 2000. A primeira onda, que perdurou em todo o mundo, especialmente em países como Reino Unido, Estados Unidos e França, destacou a luta pelo direito civil e político ao voto (MONTEIRO; GRUBBA, 2017, p. 264).

Na América Latina, no fim da década de 1970 e início de 1980, os países estavam sofrendo com as mudanças nos governos, vivenciando épocas de ditaduras militares; um período marcado por opressão, além de conflitos ideológicos e civis. Neste momento, nos processos de redemocratização, há o impulsionamento de movimentos sociais e, com isso, o empoderamento do feminismo latino-americano.

Gurgel (2010) leva em consideração o movimento feminista da América Latina em três aspectos:

1-O reconhecimento do sistema patriarcal como estruturante da opressão e dominação da mulher; 2- a autodeterminação das mulheres como condição ontológica do feminismo como sujeito coletivo 3-a emancipação humana como princípio constitutivo do ser político feminista (GURGEL, 2010, p. 7).

No cenário latino-americano destaca-se que a superação dos períodos ditatoriais foi imprescindível para a garantia dos direitos da população feminina (VEDANA; GERVASONI, 2020). Países como Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai enfrentavam governos totalitários, articulados através da Operação Condor, aliança que interligou aparatos repressivos desses países que passaram a agir além das fronteiras (DUARTE, 2007, p. 02).

Os países latino-americanos são assolados por crises econômicas e políticas. Em todos os países, os grupos feministas têm de fazer esforços heroicos para permanecer à tona organizacionalmente, em meio a dívidas nacionais estonteantes, planos de dolorosa austeridade e mudanças políticas dramáticas (STERNBACH; NAVARRO-ARANGUREN; CHUCHRYK; ALVAREZ, 1994, p. 55).

No período de ditaduras na América Latina, basicamente em países Sul-Americanos, o cenário era de opressão contra os não-simpatizantes dos regimes ditatoriais, inclusive com as mulheres do movimento feminista, que eram vistas

como simpatizantes do socialismo, tendo como características a violência, a tortura e a não liberdade de expressão.

A repressão sobre as mulheres foi sentida de formas diretas e indiretas. As militantes de esquerda, assim como os seus companheiros, foram presas, torturadas, tiveram filhos sequestrados, foram mortas e ainda conheceram um tipo específico de tortura, através da alta dose de violência sexual praticada pelos militares. Algumas foram sequestradas por sua relação afetiva ou de parentesco com militantes homens. Sentiram, duramente, o impacto da retirada de filhos, maridos e irmãos do convívio familiar seja como presos ou desaparecidos. Tiveram de se dividir entre prover o sustento da família e buscar ou atender a seus parentes capturados pelos regimes. Lidaram diretamente, e por longos períodos, com sentimentos como medo, rejeição e acusações por parte do Estado e mesmo de familiares e vizinhos (DUARTE, 2007, p. 2).

Diante do exposto, é importante destacar que no Brasil as feministas tiveram que enfrentar grandes batalhas, e ainda enfrentam muitos percalços, em busca de igualdade. É necessário darmos destaque à luta das mulheres no período ditatorial, um momento marcado por muita dor, violência e resistência.

1.1.2 FEMINISMO NO BRASIL

A luta da mulher brasileira feminista permanece até os dias atuais. Apesar do feminismo ter surgido há centenas de anos, a classe feminina ainda precisa lidar com discriminação de gênero, desigualdade salarial, heteronormatividade além da violência de gênero e os inúmeros casos de feminicídio. “A violência do macho⁵ contra a mulher, expressa de diferentes formas - ironia, espancamento, reprodução forçada, estupro, homicídio etc. É constitutiva da organização social de gênero no Brasil” (SAFIOTTI, 1994, p.443).

Segundo levantamento realizado pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do Governo Federal do Brasil, em março de 2020, os canais de disque denúncia 180 e 100 registraram 105.821 denúncias de violência contra a mulher, o equivalente a 12 chamados por hora. Desses, 72% são referentes à violência doméstica e familiar.⁶ Os números alarmantes são reflexos

⁵ Termo utilizado pela autora para descrever o ser masculino.

⁶ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/03/07/ministerio-da-mulher-apresenta-dados-de-2020.htm>. Acesso em 13 mai. 2021.

de uma sociedade que ainda coloca a mulher em uma situação de vulnerabilidade perante os homens e como objeto de posse deles.

Quando falamos de feminismo no Brasil é necessário darmos destaque à criação do Partido Republicano Feminista, em 1918, fundado pela baiana Leolinda Dalto, com o objetivo de mobilizar as mulheres na luta pelo sufrágio⁷, e a Associação Feminista, de cunho anarquista, com forte influência nas greves operárias de 1918, em São Paulo (TIMOTEO, 2013).

No Brasil, apenas em 1934 as mulheres conseguiram o direito ao voto (D'ALKIMIN, 2006). Com essa conquista, houve uma desmobilização no movimento feminista brasileiro. Durante o período da Era Vargas, e em meio a um cenário de Segunda Guerra Mundial, as mulheres lutavam por uma democracia mais justa e igualitária, além de lutarem pela paz.

Em 1964, devido ao golpe dos militares no Brasil, os movimentos sociais, incluindo o movimento feminista, foram massacrados e oprimidos pela ditadura. Milhares de pessoas foram mortas por terem pensamentos de oposição ao governo. A violência de gênero era comum e escancarada. Não podemos esquecer do que essas mulheres passaram dentro dos porões e das carceragens do Departamento de Ordem Política e Social, conhecido popularmente como DOPS.

Choques nas partes íntimas, introdução de animais e objetos nas genitálias, afogamento, tortura dos filhos, estupro, violência física e tortura psicológica eram presentes nas sessões de interrogatório. A famosa estilista Zuzu Angel foi morta após ter seu carro encurralado no Rio de Janeiro, provocando um "acidente" automobilístico. A vítima da ditadura passou anos procurando seu filho, Stuart Angel, que havia sido preso e levado pelos militares.

A Ex-Presidente do Brasil, Dilma Rousseff, em seu relato à Comissão Nacional da Verdade, em 2014, conta que socos, eletrochoques, pau-de-arara e surras de palmatória eram formas de torturá-la na prisão. A jornalista Miriam Leitão, que fazia parte do Partido Comunista Brasileiro, foi presa aos 19 anos, grávida de um mês. Ela foi colocada completamente nua, em uma cela escura

⁷ Sufrágio: Processo de escolha onde os indivíduos poderão ter direito ao voto.

com uma cobra da espécie *jiboia* na sala. Além disso, levou tapas, socos e chutes, ficou dias sem comer e foi ameaçada de estupro.⁸

Sarti (1998) destaca

as marcas de gênero na experiência da tortura, dada a forma específica de violência a que foram submetidas as mulheres militantes pela repressão, não apenas sexualmente, mas, sobretudo, pela utilização da relação mãe e filhos como vulnerabilidade feminina (SARTI, 1998, p. 02).

É necessário destacar também que houve mulheres que defendiam a ditadura, como explana Timoteo:

Não obstante, não se pode esquecer que os movimentos de mulheres burguesas e de classe média, organizados por setores conservadores, tiveram papel importante no apoio aos golpes militares nesse período e aos regimes militares instalados. No Brasil, merece registro o movimento articulador das “Marchas com Deus, pela pátria e pela família”, que mobilizou grande número de mulheres em 1964 e 1968 (TIMOTEO, 2013, p. 95).

Na metade da década de 1970, o movimento feminista retoma forças no Brasil:

A partir de 1975, com a instauração do Ano Internacional da Mulher, as brasileiras retomaram o movimento feminista, atuando em grupos de estudos e programando jornadas de luta e campanhas de mobilização. Integradas com os movimentos democráticos, as feministas brasileiras engrossaram fileiras nos movimentos pela anistia, liberdades políticas e por uma constituinte livre e soberana. Editaram jornais e outras publicações como cadernos e revistas. Denunciaram o conservadorismo das leis, dos costumes e casos concretos de violação de seus direitos ocorridos em suas próprias casas, nos locais de trabalho e nas ruas. Enfrentaram preconceitos contra a homossexualidade, particularmente contra as lésbicas e contra o racismo (TELES, 2017, p. 6).

É válido salientar, que nesse período de retomada, as mulheres seguiram na luta em busca de suas conquistas perante a sociedade. Elas abordaram temas que eram e ainda são tabus, como a sexualidade, o aborto, a violência sexual e a necessidade de compreensão do próprio corpo. Assessoraram mulheres de sindicatos e bairros de periferia, estimularam a criação dos primeiros núcleos de estudos sobre a questão das mulheres e relações de gênero no meio acadêmico (TELES, 2017).

⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/03/27/historias-de-mulheres-vitimas-da-ditadura-militar.htm>. Acesso em 30 abr. 2021.

Nos anos de 1980, o feminismo tomou outras formas e rompeu a ideia de que apenas os partidos de esquerda apoiavam as ideias feministas. Com o avanço do movimento na década passada, as mulheres começaram a se sentir representadas dentro das comissões políticas. Até o principal partido da direita, o Partido Democrático Social (PDS), criou o seu Comitê Feminino (TIMOTEO, 2013, p. 98).

Quando falamos de feminismo no Brasil, não podemos deixar de abordar uma das maiores conquistas da mulher, na década de 2000. Em 7 de agosto de 2006, foi sancionada pelo então presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, a Lei Maria da Penha, de número 11.340, no artigo 226, § 8º, da Constituição Federal.⁹ Um marco na história das conquistas das mulheres, que tem salvado a vida de milhares que são vítimas de violência doméstica.

A Lei Maria da Penha possui essa nomenclatura devido à uma mulher cearense chamada Maria da Penha Maia Fernandes, a qual sofreu duas tentativas de feminicídio por parte de seu ex-marido, em 1983.¹⁰ Em uma dessas tentativas, Maria da Penha ficou paraplégica, mas, nunca deixou de lutar pelas mulheres que também sofriam de violência doméstica.

A lei estabelece que todo caso de violência doméstica e intrafamiliar é crime e deve ser apurado através de inquérito policial e ser remetido ao Ministério Público. Além disso, também tipifica as situações de violência doméstica, proíbe a aplicação de penas pecuniárias aos agressores, amplia a pena de um para até três anos de prisão e determina o encaminhamento das mulheres em situação de violência, assim como seus dependentes, a programas e serviços de proteção e de assistência social.¹¹

Diante do que foi exposto, é plausível ressaltar que no Brasil, apesar das conquistas, ainda há muito que se lutar pelo direito das mulheres. Vivemos em

⁹ Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/resumo-da-lei-maria-da-penha.html>. Acesso em: 30 abr. 2021.

¹⁰ Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Violencia_Domestica/Lei_Maria_da_Penha/vd-Imp-mais/Historia_da_Lei#:~:text=A%20Lei%2011.340%2F06%2C%20que%20recebeu%20o%20no me%20de%20%E2%80%9C,%2C%20viol%C3%Aancia%20dom%C3%A9stica%2C%20etc.) Acesso em: 30 abr. 2021.

¹¹ Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/lei-maria-da-penha/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

um país onde a figura feminina é julgada pela roupa que veste, onde as mulheres são culpadas pelo próprio estupro, onde os dados de violência doméstica e feminicídio são extremamente altos e a desigualdade salarial ainda é bastante persistente. Sendo assim, as mulheres devem seguir em busca de seus direitos e lutarem por respeito.

1.2 FEMINISMO NEGRO

Começamos este tópico com a seguinte pergunta: o feminismo é e sempre foi para todos? É de extrema necessidade que nos aprofundemos diante da desigualdade perante os gêneros, mas, é deveras necessário darmos destaque à desigualdade racial dentro do movimento feminista. Mulheres brancas da classe trabalhadora reconheceram a presença de hierarquias de classes no movimento (HOOKS, 2020). Desde os primórdios do feminismo, as mulheres brancas de classe média alta colocavam suas questões como prioridade porque sabiam que receberiam a atenção pública que necessitavam diante da mídia e da sociedade.

Angela Davis (2020, p. 71), no livro *Mulheres, raças e gêneros*, deixa clara a visibilidade que as mulheres brancas tinham quando fala que “por mais omissas que as primeiras militantes pelos direitos das mulheres tenham sido em relação à condição de suas irmãs negras, os ecos do novo movimento de mulheres foram ouvidos por toda a luta organizada pela libertação negra.”

Leal (2020) contribui para a discussão ao conceituar o Feminismo Negro como:

Termo utilizado para designar o movimento teórico, político, social e prático protagonizado por mulheres negras e que busca dar visibilidade às pautas deste grupo. Este movimento vai ao encontro das experiências das mulheres negras na diáspora africana. Experiências estas que variam, mas que mantêm um eixo comum que se traduz em ações e reações às condições de vulnerabilidade de grande parte destas mulheres (LEAL, 2020, p. 16).

Além de lutar contra a opressão, o sexismo, o machismo e o patriarcado, as mulheres negras tinham que lutar também contra o racismo; e o pior, contra ele dentro do próprio movimento feminista.

Inserir classe na pauta feminista abriu um espaço em que interseções entre classe e raça ficaram aparentes. Dentro do sistema social de raça, sexo e classe institucionalizados, mulheres negras estavam claramente na base da pirâmide econômica. Inicialmente, nos

movimentos feministas, mulheres brancas com alto nível de educação e origem na classe trabalhadora eram mais visíveis do que mulheres negras de todas as classes. Elas eram minorias dentro do movimento, mas a voz da experiência era a delas. [...] O patriarcado convencional reforçou a ideia de que as preocupações das mulheres de grupos com privilégio de classe eram as únicas dignas de atenção. A reforma feminista teve como objetivo obter igualdade social para mulheres dentro da estrutura existente (HOOKS, 2020, p. 69).

É necessário destacar que apesar de centenas de anos dessa desigualdade racial e supervalorização da branquitude¹² feminina dentro do movimento feminista, ela ainda é extremamente atual. Como Bell Hooks ainda explana: “todas as mulheres desta nação sabem bem que seu status é diferente do de mulheres negras/não brancas. [...] Todas as mulheres brancas desta nação sabem que a branquitude é uma categoria privilegiada” (HOOKS, 2020, p. 89).

Quando tratamos de feminismo negro no mundo, devemos explicar sobre o segregacionismo nos Estados Unidos. Grande parte das mulheres afro-americanas eram excluídas ou proibidas de frequentarem os clubes de mulheres feministas brancas, retrato do *apartheid*¹³ racial. A filósofa francesa Elsa Dorlin faz um aparato histórico e relata casos de exclusão dentro do movimento feminista:

Numerosas mulheres pertencentes a associações sulistas pelo sufrágio das “mulheres” (entenda-se: só das mulheres “brancas”) se recusam efetivamente a se aliar às militantes negras, evocando a moralidade duvidosa destas e mobilizando, por conseguinte, um topo da ideologia sexista e racista moderna que tem autorizado algumas das práticas mais violentas dessa história. A fabricação de uma norma da feminidade se efetuou, portanto, em oposição às mulheres negras, consideradas lúbricas, violentas, toscas, “mães ruins” ou “matriarcas” abusadoras (DORLIN, 2019, p. 69).

No Brasil, um país extremamente racista e machista, o movimento feminista negro começou a ganhar visibilidade em 1985, no 3º Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, que aconteceu em Bertioga, São Paulo. Damasco, Maio e Monteiro (2012) destacam que:

O feminismo negro foi sendo consolidado com o surgimento de organizações não governamentais (ONGs), a saber: Nzinga-Coletivo

¹² Termo que se refere ao lugar de vantagem estrutural do branco em sociedades estruturadas pelo racismo.

¹³ Regime de segregação racial.

de Mulheres Negras (RJ), Criola (RJ), Geledés (SP), Fala Preta (SP) etc., voltadas para o combate à violência doméstica e à discriminação racial e para os cuidados no âmbito da saúde reprodutiva (DAMASCO; MAIO; MONTEIRO, 2012, p. 136).

Djamila Ribeiro, mestre em filosofia e ativista feminista, em seu livro *Lugar de Fala*, faz uma análise entre as teorias de Simone de Beauvoir e Grada Kilomba. Para a filósofa francesa, a mulher foi constituída como o *Outro*, pois é vista como um objeto, na interpretação que Beauvoir faz do conceito “em si” sartreano (RIBEIRO, 2020, p. 36). Já para Grada Kilomba¹⁴, a mulher negra é vista como *Outro do Outro*, posição que a coloca num local de mais difícil reciprocidade (RIBEIRO, 2020, p. 37).

Parafraseando Kilomba, a mulher negra, além de lutar contra o abuso da desigualdade de gênero, tem que lutar contra a desigualdade racial, sendo assim, o *Outro do Outro*, como foi mencionado pela autora. Diante de todo aparato histórico que conhecemos perante a escravidão, o racismo e a desigualdade social que perduram por milhares de anos, a sociedade branca elitista deveria fazer o mínimo pela reparação histórica para com o movimento negro, o que não acontece e que, muitas vezes, parece ser utópico.

Quando as mulheres iam às ruas e pediam o direito ao trabalho, quais mulheres eram essas? Quem elas representavam? Há séculos as mulheres negras, que nunca foram vistas como sexo frágil, já se familiarizavam com o trabalho braçal. Estavam como escravas nas lavouras, servindo mulheres brancas da casa grande e sendo tratadas como objeto sexual de senhores de engenho. Ou então, por serem taxadas como “a cor do pecado”, se prostituíam para garantir o sustento de seus filhos.

Trazendo para uma realidade mais atual, quando estas estão em busca de um emprego, quais são os principais cargos oferecidos? E por que, na maioria das vezes, sempre reforçam que é necessária boa aparência? Que tipo de aparência é atrelada ao adjetivo “bom”? Ou então, por que pedem para negar suas raízes, alisarem ou prenderem seus cabelos?

As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para

¹⁴ Escritora e professora do Departamento de Estudos de Gênero da Hulboldt Universitat, em Berlim, Alemanha.

homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? (CARNEIRO, 2003, p. 2).

De acordo com uma pesquisa desenvolvida pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social, em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, em 2016, 39,6% das mulheres negras estavam inseridas em relações precárias de trabalho, seguidas pelos homens negros, com 31,6%, mulheres brancas com 26,9% e homens brancos com 20,6%. Ainda segundo a pesquisa, as mulheres negras eram o maior contingente de pessoas desempregadas e no trabalho doméstico.¹⁵

Em um levantamento realizado pelo Núcleo de Estudos da Violência, da Universidade de São Paulo, e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os seis primeiros meses de 2020 tiveram aumento no número de mulheres vítimas da violência doméstica no Brasil. De acordo com a pesquisa, 1.890 mulheres foram mortas, no auge da pandemia da Covid-19, tendo um aumento de 2% comparado ao ano de 2019. É necessário destacar que 73% das vítimas de feminicídio no Brasil eram mulheres negras.¹⁶ Um dado alarmante que retrata a desigualdade racial exacerbada no perfil das vítimas.

É importante destacar que não estamos desmerecendo a luta de mulheres brancas no contexto do movimento feminista, mas, mostrando a disparidade que é percebida quando comparamos a negritude e branquitude no feminismo. Na atual conjuntura em que vivemos, muitas vezes essas análises são taxadas como “mimimi”, um termo bastante utilizado quando a dor do outro não dói na pessoa que fala.

O feminismo negro, em debates atuais, pode ser colocado a posto como “mulherismo”. Alice Walker, em *In Search of Our Mothers' Gardens*, definiu uma “mulherista” como uma “feminista negra”, ou “feminista da cor” (COLLINS, 2017, p. 4). Barbara Omolade (1994) define como:

Feminismo negro é por vezes referido como Mulherismo porque ambos estão preocupados com as lutas contra o sexismo e o racismo enfrentados pelas mulheres negras, que também são parte dos esforços da comunidade negra para alcançar a igualdade e liberdade (OMOLADE, 1994 apud COLLINS, 2017, p. 5).

¹⁵ Disponível em: RIBEIRO, D. *Lugar de Fala*0 (2020, p.40).

¹⁶ Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/09/femicidio-2020-mulheres-negras/> . Acesso em 13 mai. 2021.

A famosa narrativa de Sojourner Truth ‘*E não sou eu uma mulher?*’ traz à tona todos os preconceitos e dores enfrentadas pelas mulheres negras da luta feminista diante da branquitude. A afro-americana Patrícia Hill Collins (2017) afirma que:

Usar o termo “feminismo negro” desestabiliza o racismo inerente ao apresentar o feminismo como uma ideologia e um movimento político somente para brancos. Inserindo o adjetivo “negro” desafia a brancura presumida do feminismo e interrompe o falso universal desse termo para mulheres brancas e negras. Uma vez que muitas mulheres brancas pensam que as mulheres negras não têm consciência feminista, o termo “feminista negra” destaca as contradições subjacentes à brancura presumida do feminismo e serve para lembrar às mulheres brancas que elas não são nem as únicas nem a norma “feministas” (COLLINS, 2017, p. 13).

Outro conceito de necessária compreensão quando falamos de feminismo negro é o de *outsider within*, que traduzido para o português significa “forasteira de dentro”, o qual Patrícia Collins define como posição social ou espaços de fronteira ocupados por grupos com poder desigual (RIBEIRO, 2020, p. 45). Um exemplo a ser dado são as trabalhadoras domésticas que sempre são consideradas “quase da família.” São aquelas que ocupam um lugar dentro da casa dos patrões, que trabalham por muitos anos e detêm de muita confiança dentro do local de trabalho, mesmo sempre ocupando um lugar de marginalidade. As pessoas brancas sempre buscam reforçar a importância delas para a família.

Para Collins, essa relação de *insider* é satisfatória para todos os envolvidos:

Nas biografias dos brancos ricos, é frequente o relato de seu amor por suas “mães” negras, enquanto os relatos das trabalhadoras domésticas negras ressaltam a percepção de autoafirmação vivenciada pelas trabalhadoras ao verem o poder branco sendo desmistificado – saberem que não era o intelecto, o talento ou a humanidade de seus empregadores que justificava o seu status superior, mas, o racismo (COLLINS, 2016, p. 99).

Neste cenário de trabalho doméstico, é importante ressaltar uma grande conquista do feminismo que foi a PEC das Domésticas, Emenda Constitucional 72 (PEC 66/ 2012), sendo promulgada em 02 de abril de 2013, formalizando a profissão e garantindo os direitos das trabalhadoras, que devem ser regulamentadas com carteira assinada, tendo assim todos os direitos

assegurados por lei como salário-maternidade, auxílio-doença, aposentadoria por invalidez, idade e tempo de contribuição, auxílio-acidente de trabalho.

Quando falamos do feminismo negro e o trabalho doméstico, devemos dar ênfase também aos papéis para mulheres negras na ficção. Na grande maioria das produções audiovisuais, elas são sempre escaladas para representarem trabalhadoras domésticas, serviçais ou escravas, mesmo tendo uma ótima relação com patrões, que são sempre personagens brancos.

Por exemplo, de todas as famosas Helenas do escritor Manoel Carlos, a única personagem negra foi representada por Taís Araújo, em 2009, na novela *Viver a Vida*, sendo diferente das outras personagens, que eram brancas e mais velhas. Em 2018, tivemos a primeira juíza negra, representada pela atriz Érika Januza, na novela *O Outro Lado do Paraíso*; e em 2020, voltamos a ver Taís Araújo no papel de uma grande advogada, na novela *Amor de Mãe*. É importante destacar que, apesar da grande quantidade de atrizes e atores negros, a presença em papéis de protagonismo e ascensão social ainda é escasso, em pleno século XXI.

Na minissérie *Tereza Batista*, que será analisada neste trabalho, devemos observar com criticidade a escolha de uma atriz negra, de cabelos crespos, e corpo escultural que fará o papel de uma escrava sexual e trabalhadora doméstica, além de sofrer todos os abusos possíveis dentro de uma perspectiva feminina. Estamos falando de uma obra de 1992, mas, que reforçava o papel da mulher negra como marginal, submissa e escrava.

2. O YOUTUBE COMO FORMA DE RETRANSMISSÃO DA MINISSÉRIE TEREZA BATISTA: O ANALÓGICO VERSUS O DIGITAL

2.1 A MINISSÉRIE NA TELEVISÃO

Durante muito tempo, a televisão foi a principal fonte de informação e entretenimento na vida dos brasileiros. De acordo com uma pesquisa realizada pela Secretaria de Comunicação do Governo Nacional, em 2016, 63% dos brasileiros tinham a TV como principal meio de informação e entretenimento. Os dados são da "Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 - Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira". Ainda segundo o relatório, a emissora mais vista

pelos telespectadores era a Rede Globo de Televisão, com o percentual de 73% das respostas.¹⁷

Diante disso, é plausível destacar a grande audiência que a Globo tem no país, tanto em seus telejornais como em suas produções de entretenimento como novelas, filmes e minisséries. Analisando sua grade de programação, relacionadas à faixa de horário, as telenovelas da Rede Globo dos diferentes horários têm perfis diversos, o que implica um tratamento distinto dos temas e das situações de conflito presentes nas histórias (GOMES, 2009).

Por exemplo:

Tanto as novelas de época do horário das 18 horas como algumas minisséries que vão ao ar por volta das 22 horas contam histórias de outros tempos, que muitas vezes são adaptações de obras literárias consagradas. Mesmo quando são adaptadas da literatura, o resgate do passado nas telenovelas das 18 horas é feito a partir de uma abordagem leve e amena, com tramas elaboradas para serem assistidas em família e por pessoas de várias gerações (GOMES, 2009, p. 98).

A televisão é um dos principais meios massivos de comunicação, que tem como função informar, entreter e persuadir o telespectador, através de telejornais, telenovelas, minisséries e outros programas. Desse modo, é correto afirmar que ela tem um grande poder de influência sobre quem assiste, devendo ter bastante cautela no que se é transmitido para a sociedade.

Segundo Almeida,

Tamanho é a dimensão que a mídia ocupa nos processos sociais que se entende que seus conteúdos são importantes componentes culturais e artísticos e necessitam ser analisados. Para levar os participantes a compreenderem os processos midiáticos, são desenvolvidas tanto atividades de leitura crítica da mídia quanto de produção de mídia (ALMEIDA, 2016, p. 18).

Ao contrário das telenovelas do horário das seis, as minisséries abordam temas mais fortes e realizam bastante adaptações de obras literárias. Entre 1980 e 2015, foram produzidas 88 minisséries pela TV Globo, das quais 40 eram adaptações literárias (D'ABREU, 2016). As minisséries são semelhantes à séries, nas quais os episódios podem estar interligados ou não. Contudo, o

¹⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 10 mai. 2021.

principal diferencial é a existência de no máximo 50 capítulos e uma só temporada.

De periodicidade anual – e não contínua, como a dos outros horários – e número reduzido de capítulos, as ficções televisivas das 23h, com maior liberdade para exploração de cenas de violência e sexo do que as telenovelas das 21h, se apropriaram de temáticas mais densas para a construção de suas narrativas, calcadas no gênero drama. As tramas, ágeis no desenrolar de seus acontecimentos, se dedicam a um menor número de núcleos e personagens e a diálogos mais fortes, munidos um linguajar pesado, por vezes vulgar (LIMA, 2015 apud. LIMA, 2017, p. 2).

Por ter este linguajar e abordar temas e cenas que não podem ser exibidas em horários mais nobres, as minisséries televisivas possuem uma grande audiência. A maioria dos episódios possuem no máximo uma hora e vinte minutos de duração, fechando o assunto em um mesmo capítulo.¹⁸

Perante uma sociedade machista e patriarcal, a mulher quase sempre tinha o mesmo papel em minisséries: super mãe, filha, esposa, boa moça, bela, recatada e do lar¹⁹. Nas obras, quando se opunham aos comportamentos exigidos e determinados pela sociedade, as personagens eram taxadas como promíscuas, “mulheres da vida”, loucas; e, na maioria das vezes, abandonadas pelos cônjuges ou devolvidas aos pais. Para entendermos a proporção do protagonismo feminino em minisséries da Rede Globo, vamos destacar uma pesquisa realizada por D’Abreu (2016):

Entre 1980 e 2015 foram produzidas 88 minisséries pela Rede Globo, das quais 40 eram adaptações literárias. Dessas 40, 29 têm protagonistas femininas. Das 25 minisséries restantes, 15 são análogas aos ensembles *shows*, ou seja, as personagens femininas dividem protagonismo com outros tipos (D’ABREU, 2016, p. 11).

Desse modo, é correto afirmar que, mesmo tendo uma grande proporção de protagonismo, o papel da mulher sempre era voltado para quase o mesmo roteiro, principalmente nas produções das décadas de 1980 e 1990. Cenas que reforçam a cultura do machismo e da misoginia, apologia ao estupro, prostituição, adultério eram extremamente normalizadas nessas obras. Se a

¹⁸ O termo capítulo advém da tradição literária, na qual corresponde a um conjunto divisor da obra (LIMA, 2017).

¹⁹ Termo utilizado pela revista *Veja* para apresentar Marcela Temer, esposa do ex-presidente Michel Temer, em 2016, ao Brasil.

cultura do estupro é uma realidade, essa dinâmica é reproduzida, como todas as outras relações sociais, nas criações midiáticas, já que as mesmas são em parte reflexo e em parte origem das tradições de uma sociedade (QUINAN, 2016).

Neste espetáculo midiático, mostram-se as representações do feminino e do masculino em uma disparidade de conceitos. O homem sempre retratado como mocinho, trabalhador e dono da razão, apesar das peripécias realizadas nas produções, apoiado pela família e com casos recorrentes de traição e relacionamentos fora do casamento. Já a figura feminina, quando se colocava nessas mesmas situações, era retratada como prostituta e “mulher da vida”.

Com toda audiência que a televisão possui, vale salientar que a mulher nas minisséries era sempre retratada como objeto de servidão, reforçando uma cultura impregnada do machismo e transmitindo para a sociedade algo que era para ser trabalhado e combatido: o sexismo, a opressão e a quebra dos conceitos patriarcais dentro da sociedade. A minissérie *Tereza Batista* foi exibida em 1992, no horário das 22 horas e trouxe para as telas do Brasil situações de exploração e vulnerabilidade da mulher. Cenas de violência física, psíquica, moral, patrimonial e sexual fazem parte de todo o enredo da produção de Vicente Sesso. A representação da cultura do estupro, do abuso sexual, da pedofilia e da objetificação da mulher na obra traz para o debate uma espécie de crítica social, mas, que reforçava a cultura do machismo dentro da sociedade.

Para se ter uma ideia, a produção baseada na obra de Jorge Amado foi um grande sucesso de audiência na década de 1990, como comprova uma pesquisa publicada pela *Folha de São Paulo* em 1994, na qual a minissérie ocupava o 5º lugar no ranking de audiência média de minisséries entre os anos de 1989 e 1994, sendo o 1º lugar de audiência em São Paulo, em 1992, com 30 pontos de audiência, o que correspondia a 39.790 domicílios.²⁰

Diante disso, trazendo a ideia para o debate, devemos nos perguntar: por que as pessoas daquela década consumiam esse tipo de mídia? Por que assistir a um produto que colocava a mulher em situação vexatória e humilhante? Por que os índices de audiência eram tão altos, mesmo sendo uma obra que fazia apologia ao estupro e à pedofilia?

²⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/02/ilustrada/7.html>. Acesso em: 30 mar. 2021.

Quando se trata da década de 1990 é até compreensível o consumo desse tipo de produto audiovisual, devido a maneira que se vivia, os costumes e a tradicionalidade, já que assuntos como machismo e violência doméstica não faziam parte de pautas em foco de maneira exacerbada. Mas, trazendo para os parâmetros da atualidade, diante de tantos debates sobre machismo e sexismo e de toda a luta e resistência do movimento feminista, por que a minissérie *Tereza Batista* continua tendo uma “super audiência” nos meios digitais, com mais de cinco milhões de visualizações, apenas no primeiro DVD, que está disponível no Youtube?²¹ Por que a sociedade ainda consome esse tipo de mídia?

2.2 A MINISSÉRIE TRANSMITIDA VIA YOUTUBE

Com a ascensão da internet no Brasil, na década de 1990, o modo de fazer televisão foi se moldando. Notícias, sites, fotos diretamente na tela do computador, contato com pessoas que estão a milhares de quilômetros de distância, passaram a contribuir para um mundo mais globalizado. É necessário destacar que apesar de tantos anos em ascensão, a internet continua passando por transformações, evoluindo gradativamente e disputando espaço com as grandes mídias massivas de televisão.

Com o avanço da tecnologia e o surgimento de aparelhos tecnológicos cada vez mais modernos, a internet começa a nos entregar tudo e um pouco mais do que a própria televisão. Sérgio Mattos (2010) destaca que,

Por meio da Internet pode-se transportar, armazenar e redistribuir produtos audiovisuais, dados de voz (VOIP – Voz sobre protocolo de internet). A convergência tecnológica permitiu uma mudança na relação entre as redes de produtores e transmissores de conteúdos com os prestadores de serviços. Antes, uma rede atuava como suporte para a prestação de um único serviço. Agora, com o avanço da tecnologia, constata-se a tendência de uma mesma rede oferecer mais de um serviço (MATTOS, 2010, p. 50).

²¹ Número de visualizações disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P2E0R6testg&t=3765s>. Acesso em 10/05/2021

Parafrazeando o autor, isso já acontece. Aqui no Brasil, a internet consegue romper barreiras inimagináveis, chegando a transmissões 4G e 5G²², ultrapassando limites de velocidade e nos entregando conteúdo em milésimos de segundo através de um simples toque na tela de um celular ou *tablet*. A internet permite que o “telespectador” contribua para a construção da televisão, dando opiniões e sugestões através das redes sociais, ou assistindo à programação via *web*. Podemos analisar que há uma troca, na qual o telespectador se sente “importante” ajudando a construir o enredo e, em troca, a televisão ganha audiência da massa.

Isso que chamamos de troca, Henry Jenkins (2009) conceitua como convergência:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2009, p. 29).

É sabido que as plataformas digitais viraram *febre* mundial. Milhares de pessoas buscam produções audiovisuais, musicais e até trabalham através destas plataformas. Todos que possuem acesso à internet podem acessá-las e se cadastrar, podendo ser gratuito ou pago. Uma das principais plataformas mundiais, com bilhões de acessos e gratuita é o *YouTube*, que será apresentado e analisado como forma de retransmissão da minissérie *Tereza Batista*.

O *Youtube* agora faz parte do cenário da mídia de massa e é uma força a ser levada em consideração no contexto da cultura popular contemporânea. (BURGESS; GREEN, 2009). É importante destacar que apesar de não ser o único site de compartilhamento de vídeo, a plataforma conta com uma grande variedade de conteúdo, é gratuita e pode ser monetizada. A plataforma surgiu em 2005, de maneira singela e sem alarde, como deixa claro Burgess e Green (2009):

Fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do site de comércio on-line PayPal, o site YouTube foi lançado oficialmente sem muito alarde em junho de 2005. A inovação original era de ordem tecnológica (mas não exclusiva): o YouTube era um entre

²² Evolução das conexões que nos permite assistir vídeos em plataformas digitais e nos conectar com outros dispositivos.

os vários serviços concorrentes que tentavam eliminar as barreiras técnicas para maior compartilhamento de vídeos na internet. Esse site disponibilizava uma interface bastante simples e integrada, dentro da qual o usuário podia fazer o upload, publicar e assistir vídeos em streaming sem necessidade de altos níveis de conhecimento técnico e dentro das restrições tecnológicas dos programas de navegação padrão e da relativamente modesta largura de banda (BURGESS; GREEN, 2009, p. 17).

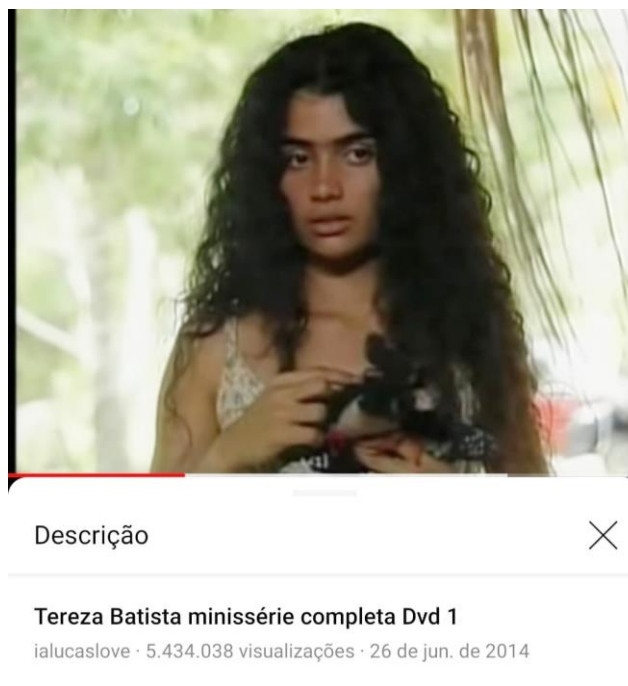
A concretização da plataforma chegou um ano mais tarde, quando foi comprada pela *Google*, por um alto valor monetário.

O momento de sucesso chegou em outubro de 2006, quando o Google pagou 1,65 bilhão de dólares pelo YouTube. Em novembro de 2007, ele já era o site de entretenimento mais popular do Reino Unido, com o site da BBC ficando em segundo. No começo de 2008, de acordo com vários serviços de medição de tráfego da web, já figurava de maneira consistente entre os dez sites mais visitados do mundo. Em abril de 2008, o YouTube já hospedava algo em torno de 85 milhões de vídeos, um número que representa um aumento dez vezes maior em comparação ao ano anterior e que continua a crescer exponencialmente (BURGESS; GREEN, 2009, p. 18).

O *YouTube* funciona como uma espécie de televisão dentro da internet (CHIARETTI; SANTOS, 2004). Ele permite que o usuário seja consumidor e produtor, podendo disponibilizar conteúdo para outros usuários também. De acordo com Martín-Barbero (2006, p. 70) “a convergência da globalização e da revolução tecnológica configura um novo ecossistema de linguagens e escritas”. Ou seja, essa troca de saberes cria uma rede de conhecimento e de conteúdo compartilhado.

A plataforma nos permite ir além e nos dá a oportunidade de rever produtos e conteúdos audiovisuais de outras décadas. Através do *YouTube*, conseguimos assistir na íntegra a minissérie Tereza Batista, de 1992. Podemos perceber que, apesar de terem se passados 29 anos do primeiro capítulo exibido na televisão pela Rede Globo, a minissérie que está na plataforma há seis anos, pode ser assistida há qualquer momento e contém bons números de visualização, como mostra a imagem a seguir.

Figura 1: Número de visualizações do primeiro DVD da minissérie



Fonte: YouTube

São dez DVD's, com todos os episódios da minissérie. Como demonstrado na figura acima, o primeiro DVD da coletânea contém mais de cinco milhões de visualizações até o momento da construção deste trabalho. Números que refletem como as pessoas ainda buscam por obras que desvalorizam o ser social feminino e o coloca em papel de submissão. Quando mostramos os dados de grande audiência da minissérie no *YouTube*, isso significa que milhões de pessoas estão acessando a plataforma e buscando uma produção que explora o abuso sexual infantil, a pedofilia, o estupro e romantiza relacionamentos abusivos.

Algo que vale ser destacado é que, no YouTube, há a opção de deixar comentários nos vídeos. Nisso o mais preocupante é que tem pessoas que ainda pedem a volta deste tipo de conteúdo na televisão de maneira reprisada. Há também comentários que reforçam elogios a cenas de tortura.

2.3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa, que visa fazer uma análise de conteúdo da minissérie Tereza Batista diante do que foi produzido pela TV Globo na época. Silva (2020) descreve que a análise de conteúdo como metodologia de pesquisa é utilizada para descrever e interpretar o conteúdo que é exposto

em textos e/ou obras midiáticas, auxiliando na compreensão dos significados que vai muito além de uma simples leitura (SILVA, 2020).

A pesquisa qualitativa é, muitas vezes, vista como uma maneira de dar poder ou voz às pessoas em vez de tratá-las como objetos, cujo comportamento deve ser quantificado e estatisticamente modelado (BAUER; GASKELL, 2000). É necessário destacar que neste tipo de pesquisa há o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão. Essa abordagem difere da quantitativa, pois não utiliza dados estatísticos como fonte principal de busca. Vale salientar que os dados utilizados nesta pesquisa são descritivos.

Moraes (1999) destaca que:

Como método de investigação, a análise de conteúdo compreende procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. É uma ferramenta, um guia prático para a ação, sempre renovada em função dos problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar. Pode-se considerá-la como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, qual seja a comunicação (MORAES, 1999, p. 2).

A análise de conteúdo pode ser necessária para compreendermos o conteúdo e criarmos um novo olhar sobre ele. Bardin (1977) afirma que:

O que caracteriza a análise qualitativa é o fato de a inferência - sempre que é realizada - ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc), e não sobre a frequência da sua aparição, em cada comunicação individual (BARDIN, 1997, p. 15).

Quando aliamos a análise de conteúdo aos parâmetros da Educomunicação, logo pensamos na área de intervenção "Educação para comunicação", na qual o corpo social deve desenvolver um olhar crítico ao que se é consumido na mídia, como quando observamos de que modo os conteúdos da minissérie *Tereza Batista* foram expostos na obra audiovisual. Para o desenvolvimento do estudo, analisamos sete dos 28 episódios da minissérie. Fomos elencando as cenas que fariam parte do nosso trabalho, e chegamos à quantidade de sete episódios. Observamos como a personagem principal da obra era objetificada e violentada no decorrer do enredo.

Ismar Soares (2014) enfoca que a Educação para comunicação reúne práticas voltadas à sensibilização e formação das audiências para a convivência com os meios de comunicação - *media education, educación en médios* -

educação midiática (SOARES, 2014, p. 14 apud ALMEIDA, 2016, p. 18). Essas práticas visam ajudar a sociedade a construir um senso crítico diante do que se consome na mídia massiva.

Almeida (2016) destaca ainda a importância da mídia nos processos de construção social:

Tamanho é a dimensão que a mídia ocupa nos processos sociais que se entende que seus conteúdos são importantes componentes culturais e artísticos e necessitam ser analisados. Para levar os participantes a compreenderem os processos midiáticos, são desenvolvidos tanto atividades de leitura crítica da mídia quanto de produção de mídia (ALMEIDA, 2016, p. 18).

É sabido que as análises podem ter inúmeras interpretações, já que não podemos garantir como o receptor irá entender a mensagem passada pelo autor. É necessário deixar claro que as análises realizadas abaixo são com base na minha interpretação e no meu olhar crítico diante da obra. Diante de uma sociedade machista e patriarcal, é necessário compreender como as produções midiáticas podem reforçar ainda mais a cultura do machismo que continua impregnada na sociedade. No capítulo a seguir, primeiramente, contextualizamos a obra e a classificamos de acordo com as categorias que mais se destacaram na trama. De acordo com nosso olhar, obviamente, são elas: pedofilia, o abuso sexual infantil, a objetificação, violência e tortura da mulher.

3. ANÁLISES

3.1 CONTEXTUALIZANDO A MINISSÉRIE: TEREZA BATISTA (1992)

Tereza Batista é uma minissérie baseada na obra de Jorge Amado, '*Tereza Batista, cansada de Guerra*', escrita em 1972, adaptada por Vicente Sesso e exibida pela Rede Globo vinte anos após ter sido escrita. Seu primeiro episódio foi ao ar no horário das 22h30, no dia 07 de abril de 1992, seguindo até 22 de maio do mesmo ano, somando assim 28 capítulos. Com direção de Fernando Rodrigues e Walter Campos e direção-geral de Paulo Afonso Grisolli. De acordo com o "Memória Globo", site de acervo de produções da Rede Globo, a minissérie *Tereza Batista* foi uma das maiores produções da emissora, com

mais de 160 atores escalados e centenas de figurantes.²³ Para o enredo da minissérie, houve locações em várias cidades do nordeste brasileiro, como em Laranjeiras, Aracaju e Ilha do Coqueiro, em Sergipe, além de gravações em Salvador, na Bahia.

A trama se passa em uma pequena cidade chamada Cajazeiras do Norte, localizada no interior de Sergipe, na divisa com a Bahia. A minissérie retrata a vida de Tereza Batista dos 13 aos 27 anos de idade, acompanhando a sua precoce evolução de menina para mulher. A atriz Patrícia França estreou sua carreira logo como protagonista no papel de Tereza, ainda com dezenove anos. Na época, a produção ultrapassou as barreiras do Brasil e tomou rumos internacionais, sendo vendida para países como Angola, na África, e Portugal, na Europa.

A seguir, dispõe-se a figura 1, com a imagem da abertura da minissérie Tereza Batista, que era embalada pela trilha sonora de Danilo Caymmi e Dorival Caymmi: Para falar de Tereza:

Figura 2: Capa de abertura da minissérie Tereza Batista



Fonte: Acervo Globo

²³ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisséries/tereza-batista/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

A produção dessa obra midiática buscava contar a história da menina Tereza Batista, que teve uma vida difícil e bastante turbulenta desde a morte de sua mãe ainda no parto. Sendo criada pelos tios, em situação de quase total abandono, foi vendida aos treze anos para um poderoso coronel da cidade, prática comum diante do cenário precário do Nordeste na década de 1990, que tinha o costume de comprar meninas que ainda não tinham realizado o ato sexual e fazê-las de escravas sexuais, cultuando o estupro e a pedofilia. Júlia Quinan (2016), destaca que:

Se a cultura do estupro é uma realidade, essa dinâmica é reproduzida, como todas as outras relações sociais, nas criações midiáticas, já que as mesmas são em parte reflexo e em parte origem das tradições de uma sociedade. É preciso considerar, então, que existe toda uma produção midiática que não apenas é afetada por essa ideia, mas também a reforça e sustenta, muitas vezes culpabilizando a vítima de um abuso ou até mesmo relativizando a violência sexual. A violência sexual é mostrada em novelas, filmes, livros e todo tipo de produção cultural voltada para o entretenimento, muitas vezes de forma a extrair desse tipo de situação uma comicidade que não existe de fato – é criada para atrair audiência e como mais uma forma de banalizar essa violação (QUINAN, 2016, p. 26).

É válido destacar que, mesmo em face da relação entre Tereza e o coronel, contraditoriamente, todos os homens da minissérie despertavam desejos pela personagem, uma menina de apenas treze anos de idade, ainda na fase da pré-adolescência. Os olhares maliciosos, os toques invasivos no corpo da pré-adolescente mostram uma realidade normalizada da cultura do estupro e da objetificação do corpo da mulher naquela época.

Tereza Batista foi um grande sucesso de audiência na década de 1990, como comprova uma pesquisa publicada pela *Folha de São Paulo* em 1994, na qual a minissérie ocupava o 5º lugar no ranking de audiência média de minisséries entre os anos de 1989 e 1994, sendo o 1º lugar de audiência em São Paulo, em 1992, com 30 pontos de audiência, o que correspondia a 39.790 domicílios.²⁴

A autora, Ester Hamburger, explica que “a televisão não apresenta interpretações consensuais, mas cria um repertório no qual pessoas de diferentes classes sociais, gerações, sexos e regiões se baseiam para formar

²⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/02/ilustrada/7.html>. Acesso em 30 mar. 2021.

posicionamentos e se relacionar” (HAMBURGER, 1998). Ou seja, milhares de telespectadores paravam para assistir uma produção que alimentava ainda mais o machismo estrutural, a pedofilia e tratava a figura feminina como objeto sexual, trazendo cenas de violência, tortura física e psicológica e trabalho forçado.

É impossível não destacar a presença dos famosos “castelos” na produção. Além da objetificação da própria Tereza Batista, há também a hipersexualização dos corpos das ditas “mulheres damas”, ou seja, as prostitutas que viviam nos “cabarés” da cidade e que “alimentavam as fantasias sexuais não só dos seus pares, mas, principalmente dos homens burgueses.” (Ferreira dos Santos; Magalhães; Rios da Silva, 2020, p. 26) As autoras ainda explicam que:

O termo “castelo” se associa ao contexto da prostituição, daí a noção da “mulher dama”. Quem vive no castelo? A dama, justificando a expressão “mulher dama” aplicada também à prostituta. Ao problematizarmos a questão da prostituição feminina, observa-se que se trata de mais um dispositivo de opressão e estigmatização social, que também é um exercício de poder e subordinação. A prostituição surge entre os instrumentos de dominação masculina em função da hierarquia entre os gêneros masculino e feminino. (FERREIRA DOS SANTOS; MAGALHÃES; RIOS DA SILVA, 2020, p. 32).

Indo de encontro ao ponto da objetificação da mulher na minissérie, também há a supervalorização das moças de “boa conduta” da elite de Cajazeiras. No entanto, a minissérie também aborda, em nosso entendimento, de forma super valorizada o papel social desempenhado pelas moças de boa conduta da elite Cajazeirense, as jovens fenotipicamente brancas, solteiras, “prendadas”, pertencentes à uma classe média alta, cujo maior sonho reside no encontro de um “bom partido”, assim, construindo uma família, seguindo os passos da mãe e reproduzindo a estrutura social dominante. Contudo, as irmãs Magda Amália e Berta Theodora são expressões desse padrão e se colocam em um papel vexatório de “mulheres desesperadas” na busca incessante por um marido, tornando-se dependente deste enredo, tentando trazer uma vertente cômica para as personagens.

Outro ponto a ser destacado é a naturalidade dos homens da minissérie, na medida em que se massifica uma cultura machista, patriarcal e sexista através da cultura, a exemplo de termos, falas, comportamentos corporais e da aceitação de diversas situações que violam a dignidade de algumas personagens da minissérie, situações essas que se perduram durante todo o

enredo. Por exemplo, as autoridades da cidade, todas interpretadas por homens, expressão da desigualdade de gênero, eram facilmente corrompidas e “fechavam” os olhos diante das atrocidades cometidas contra a personagem principal; ou mesmo, maridos que se irritavam com suas esposas e acabavam partindo para a agressão física.

Esta produção que cultua o sexismo escancaradamente ficou guardada e esquecida na década de 1990. Porém, em 2016, a Rede Globo anunciou a venda de *DVD's* da minissérie *Tereza Batista* completa, para quem estivesse disposto a pagar o preço de R\$69,99.²⁵ Contudo, a minissérie completa encontra-se hoje disponível na plataforma digital *Youtube*²⁶, de forma gratuita para quem quiser assistir.

Para termos conhecimento e analisarmos a minissérie *Tereza Batista*, assistimos à obra na plataforma *Youtube*, exibida pelo canal “*ialucaslove*”²⁷. Atualmente, a conta possui 29 mil e 400 inscritos,²⁸ e contém diversos vídeos, entre eles, os 10 *DVD's* com a minissérie completa.

Para se ter ideia, o primeiro *DVD*, que reúne os cinco primeiros capítulos, foi postado há seis anos e tem mais de cinco milhões e 300 mil visualizações, sem contar nos milhares de comentários, em sua grande maioria, elogiando a obra e pedindo a *reprise* da minissérie em TV aberta. Quando somamos as visualizações de todos os capítulos da minissérie, este número fica ainda mais extenso, tendo a minissérie completa mais de 11 milhões de visualizações na plataforma digital.

Diante desses expressivos números de audiência no *streaming*²⁹, entendemos a importância de analisar como uma minissérie produzida há 29 anos pode ser tão atual, especialmente, quando se trata de violência contra a

²⁵ Disponível em: <https://audienciadatvmix.wordpress.com/2016/03/28/globo-anuncia-lancamento-da-minisserie-tereza-batista-em-dvd/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

²⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/ialucaslove>

²⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCNdteEEexyMlrEV6FHA1jzg>. Acesso em: 30 mar. 2021.

²⁹ *Streaming*: Tecnologia de transmissão de dados pela internet, principalmente áudio e vídeo, sem a necessidade de baixar o conteúdo.

mulher, e perceber como a sociedade ainda consome esse tipo entretenimento que descredibiliza toda a luta feminista e continua colocando a figura feminina na condição de objeto sexual.

3.2 VENDIDA AOS 13 ANOS: UM RETRATO DA PEDOFILIA E DO ABUSO SEXUAL

Na década de 1990, a exploração sexual infantil vitimou milhares de crianças e adolescentes brasileiras. Devido a um cenário ainda agrário, de pobreza, desemprego e fome, a pedofilia surge na calada da sociedade cotidiana como um ato de perversão sexual. Lima e França (2014) explicam o abuso sexual infantil no Brasil:

A partir da Lei nº 12.015 de agosto 2009 inova, trazendo um capítulo em reservado para tratar dos crimes contra vulneráveis, acobertado pelo art. 227 § 4º da Magna Carta de 1988 que prescreve: “A lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente”; com tanto, a nação brasileira mais que nunca condena o menoscabo a exploração do menor. (LIMA; FRANÇA. 2014, p. 1)

Contraopondo-se ao artigo da Magna Carta, o maior praticante da pedofilia e do abuso sexual na minissérie *Tereza Batista* não era denunciado ou julgado pelos seus atos. Em uma conversa entre os personagens Marcos Lemos (Vicente Barcellos), Doutor Amarildo (Castro Gonzaga) e o Coronel Simão Lamego (Orlando Vieira), eles deixam claro que as autoridades são “corrompidas” pelo capitão Justos (Herson Capri). Coronel Simão indaga a Márcio sobre a atuação da polícia e da justiça no que diz respeito às práticas do capitão. Doutor Amarildo interrompe e explana que Justos é quem comanda as autoridades. Em troca da benevolência deles, o capitão, que é dono do maior armazém da cidade, não cobra as despesas, além de realizar pagamentos em dinheiro para o Judiciário.

Outro ponto a ser destacado é que Tereza Batista (Patrícia França) não foi a única explorada sexualmente pelo capitão Justos. Uma das principais características do personagem é o cordão que carrega no pescoço. Para cada menina que ele abusava sexualmente e “tirava a castidade”, mandava fazer uma rodilha de ouro para colocar no acessório. Em uma conversa com o seu capataz, o homem deixa claro que aguardava apenas as meninas terem a

menarca³⁰, para que assim iniciasse a vida sexual. Termos como “moleca” e “quenga” são utilizados no cotidiano daquelas meninas para descredibilizar e deslegitimar a figura da mulher na obra.

Figura 3: Cordão do Capitão Justos com rodilhas de ouro



Fonte: YouTube

A minissérie retrata a vida e história de Tereza Batista dos 13 aos 27 anos. A jovem passa por terríveis situações durante a vida, como vítima de pedofilia, estupro, abuso sexual, prostituição, violência física, psíquica e moral, além de exploração comercial e objetificação de seu corpo. Ainda no primeiro episódio, a pioneira cena em que aparece, a pré-adolescente Tereza Batista está completamente nua em uma praia. Com apenas 13 anos, as imagens dão grande ênfase exclusivamente ao seu corpo, conseguindo assim a atenção do telespectador, e por consequência, colocando-a como símbolo sexual.

Na cena em que Tereza está no mar, o marido de sua tia Felipa (por quem foi criada, já que a mãe morreu no parto), observa a menina sem que ela perceba, deixando claro em suas expressões faciais o desejo escancarado por ela. Apesar da atriz Patrícia França ter 19 anos na época, tinha o corpo pequeno e magro, podendo evidentemente interpretar uma pré-adolescente.

³⁰ Menarca: o primeiro fluxo menstrual de uma mulher.

Figura 4: Tereza Batista se banha ao mar



Fonte: Youtube

Enquanto Tereza banha-se no mar, o capitão Justos dirige-se à casa da pobre menina na intenção de comprá-la de sua tia Felipa (Maria Gladys). O marido de Felipa, após observar Tereza, volta para casa e indaga acerca das intenções de vendê-la. Felipa diz que sim e ressalta que ele está apreensivo porque não verá nenhuma parte do dinheiro e que a partir de agora, ele nunca mais iria tocar em Tereza, já que ela tinha percebido os olhares maliciosos dele com a menina. O homem alega que Tereza era filha da irmã de Felipa, o que para ele não caracterizava nenhum problema. Felipa é incisiva ao rebater quando diz que eles criaram a menina como filha. Ou seja, apesar de ter criado Tereza desde recém-nascida, o homem justificava o desejo que havia pelo fato de não ser seu pai biológico, deixando de lado todo o laço paternal criado.

Interrompendo a conversa dos dois, o capitão Justos chega ao sítio onde a família mora e o ápice da perversão do homem é quando ele sente desejo sexual ao ver Tereza Batista em trajes infantis, brincando em um balanço. A estereotipação³¹ de criança ingênua e os olhares maliciosos do capitão Justos para com ela, deixa a cena com uma imensa carga negativa e nos faz pensar como a pedofilia e o abuso sexual eram romantizados naquela época. Ao ser

³¹ Termo utilizado em ideias preconcebidas sobre algo ou alguém, geralmente de cunho preconceituoso.

chamada pela tia para ser apresentada à Justiniano, Tereza se aproxima desconfiada, com a boneca em mãos (característica principal da infantilização da menina) e pede a benção. O capitão Justos usa o nome de Deus, a abençoa e bruscamente toca no corpo da menina sem o consentimento dela. Felipa faz questão de destacar que a sobrinha já teve sua primeira menstruação.

Figura 5: Capitão Justos alisa Tereza Batista sem o seu consentimento



Fonte: Youtube

Depois de muita conversa, Tereza Batista é vendida ao capitão por uma quantia em dinheiro, um vale de compras no armazém e um anel falso. A tia chama a menina e explica que ela terá que morar com o capitão. Tereza fica desolada, agride Justiniano e foge. Todos saem em busca dela. O marido de Felipa a encontra primeiro que todos e abusa de Tereza. Ele viola o corpo da menina, toca em suas partes íntimas e ela se pergunta o porquê do tio estar fazendo aquilo. Após 30 segundos dessa cena, os outros personagens chegam, capturam a menina e ela é levada à força para a casa do capitão.

No episódio 13, outra cena de abuso sexual e pedofilia faz parte do enredo da minissérie. Dessa vez, não com Tereza Batista, que nesta fase já está adulta, mas com uma adolescente, de um bairro periférico, de apenas 14 anos. Maria estava conversando com quatro homens na cidade. Eles conseguiram a confiança da menina, a levaram-na para uma praia e em um momento, o quarteto

começa a abusar da adolescente. Tereza Batista, que também está na praia, escuta os gritos de socorro e corre para ver o que estava acontecendo. Próximo aos abusadores, havia um casal, que logo avisou para Tereza não se meter, já que os bandidos eram perigosos. O homem da relação saiu correndo, deixando Tereza e a esposa sozinhas, assistindo à cena do abuso.

Marcada por tudo que já viveu, Tereza enfrenta os quatro homens, na tentativa de salvar Maria de um estupro coletivo. O quarteto caçoa de Tereza, e diz que agora estaria muito melhor, já que teriam duas mulheres para abusar. Um deles ainda ressalta que gosta de “mulher macho”, comparando a força de Tereza com a força de um homem, descredibilizando o seu ser mulher.

Esse tipo de comparação é algo bem presente dentro de uma sociedade machista, na qual o feminismo luta para quebrar. Bell Hooks (2020) diz que a conscientização feminista para homens é tão essencial para o movimento revolucionário, quanto os grupos para mulheres. E dentro do enredo da minissérie, não há a presença desta conscientização. Ainda na cena, após muita luta corporal, Tereza consegue salvar Maria.

Apesar do ato heroico da personagem, Tereza parece que esqueceu tudo que viveu e acabou julgando a menina por ter confiado nos homens. Afirmou que ela teria sido muito “imprevidente”, culpabilizando a vítima, o que é bastante comum quando se trata de abuso sexual. Quando os bandidos já tinham ido embora, a polícia chega e Tereza afirma que estava tudo bem, que tinha sido apenas um susto. Ou seja, a própria personagem reproduz um discurso misógino, desse modo reduzindo o abuso sexual a um simples “susto e um problema resolvido”, sem prestar queixa, sem a busca policial pelos malfeitores.

3.2.1 VIOLÊNCIA/TORTURA CONTRA MULHER

A palavra violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* e que tem como conceito força, vigor ou o emprego da força física. Porém, as teorias de violência ultrapassam os parâmetros da questão física e se enquadra em várias outras condições. Quando falamos sobre “violência contra a mulher”, essa conceituação se expande e nos mostra diversos subconceitos dentro do termo. Teles e Melo conceituam como:

Violência, em seu significado mais frequente, quer dizer uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade; é constranger, é tolher a liberdade, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade, sob pena de viver gravemente ameaçada ou até mesmo ser espancada, lesionada ou morta. É um meio de coagir, de submeter outrem ao seu domínio, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano (TELES; MELO, 2017, p. 07).

A violência pode ser considerada física, psicológica, moral, sexual e patrimonial; e quando se trata da minissérie *Tereza Batista*, o que não falta são cenas que retratam todas essas categorias. No primeiro episódio, Tereza é levada contra sua vontade para morar com o capitão Justos, o que não significa que na casa de sua tia Felipa, ela era bem tratada. A violência psicológica e patrimonial que a menina vivia é algo a ser observado. Apelidos como “diabo” e “peste” faziam referência à Tereza, sem contar as humilhações que se passavam quando sua tia fazia questão de destacar que ela era uma boca a mais para alimentar.

Em situação de violência física e tortura, o capitão Justos era o principal personagem ícone dentro da minissérie. Assim que Tereza chega ao armazém, ela apanha de um dos capatazes por tentar fugir. Eles trancam a menina dentro de um sótão sem comida, água e sem um local digno para repouso. Justos chega à casa e tenta abusar de Tereza, que ainda era virgem. Ela o agride. Inconformado com a repulsa e a agressão da menina, ele a espanca com um chicote. Tereza não cede, e as cenas de agressão continuam, por mais de três minutos.

A pré-adolescente carrega consigo a frase: “Guerreiro não chora”, e a todo momento durante a agressão ela lembra e, com isso, não consegue derramar uma gota de lágrima sequer, o que acaba incomodando o capitão. Justos exclama frases como: “chora, diaba! Você precisa ter medo de mim”, deixando claro a ideia de que a mulher tem que ser submissa ao poder masculino e obedecê-lo mesmo diante de tanta atrocidade cometida.

Tereza continua a rebater e não ficar quieta diante da surra que está levando. Gritos ecoam pela casa, assustam os funcionários e a vizinhança, mas, ninguém ousa a fazer nada devido ao grande poder que o capitão tem na cidade e mediante ao ditado popular de quem *“em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher.”* Após um golpe, Tereza fica desacordada e o capitão Justos tenta abusar da menina. Ao perceber que desacordada ela não iria sofrer, ele deixa

claro que só vai cometer o estupro quando ela estiver consciente, já que desmaiada “não teria graça” e que ela deveria ser “como manda o figurino.”

Figura 6: Tereza Batista desmaia após ser espancada por Capitão Justos



Fonte: Youtube

No episódio 2, um dia se passa e a cena talvez mais chocante e/ou dolorosa na minissérie acontece. Revoltado pela rebeldia de Tereza, capitão Justos ordena que seus capatazes amarrem a menina. Eles amarram as mãos e os pés dela. Justos, em tom irônico afirma: “hoje essa diabinha se dobra. Vai aprender quem manda aqui.” Ele chama a serviçal da casa, que traz em suas mãos um ferro quente em brasa. O olhar de Tereza no momento é desesperador. A menina se debate em um colchão, implora e pede para que ele não a queime. Ela ainda afirma ao capitão que nunca mais irá tentar fugir e fará tudo que ele quiser.

O capitão debocha da situação e exclama: “Tu vai aprender a me respeitar.” Ele pega o ferro quente e queima os pés de Tereza Batista, que fica anestesiada pela dor. Assim que ela retoma a consciência, Justos rasga o vestido da menina e a estupra, deixando claro que a “virgindade” dela lhe renderá uma nova argola de ouro em seu cordão. No fim do ato, capitão pergunta se ela aprendeu e diz que sabia que Tereza iria aprender a ter medo dele. A cena da tortura chega a quase dois minutos, deixando quem assiste em situação de desconforto e opressão. No dia seguinte, a serviçal leva um prato de comida

para Tereza, que continua trancada no sótão e orienta a menina que ela tenha obediência por Justiniano, senão ele acabaria a matando de pancada.

As manchas roxas no corpo magro e infantil de Tereza, os pés marcados pela queimadura e o rosto completamente machucado são frutos de uma produção que coloca a mulher em uma situação de vulnerabilidade diante de um homem tão poderoso e cruel. É possível analisar que Tereza não tinha escolha, ou cedia ou acabava morta pelo seu abusador. É válido ressaltar, que apesar de ter sido exibida há 29 anos, a minissérie ainda é atual, já que muitas mulheres não têm a escolha de ser livre e acabam sendo vítimas de feminicídio.

Figura 7: Capitão Justos queima os pés de Tereza Batista com ferro em brasa



Fonte: Youtube

Após tanta agressão e ameaça de morte, Tereza Batista acaba cedendo às ordens do capitão. Com isso, ganha a confiança do homem e começa a trabalhar em seu armazém. Trabalhando no local, Tereza chama atenção dos homens da cidade, inclusive a de Daniel (Hugo Gross), um jovem da elite soteropolitana, filho do juiz de Cajazeiras. Daniel vem para a cidade passar suas férias e acaba se apaixonando por Tereza Batista, que demonstra reciprocidade no sentimento por ele.

Com o passar do tempo, o romance proibido entre o jovem de Salvador e a menina do capitão toma forma no enredo. Encontros às escondidas, abraços e carícias no armazém sem que sejam percebidos. Tereza sempre pede que

Daniel a leve da casa de capitão Justos. Daniel promete que levará a menina. No episódio 5 da minissérie, o segredo vem à tona e Justiniano descobre a “traição”. Em um momento íntimo entre os dois, o capitão abre a porta e começa a agredir Tereza enquanto Daniel fica coberto na cama. Em nenhum momento Daniel tenta defendê-la. Enquanto a agride, Justos afirma que agora irá queimar o rosto de Tereza e deixá-la marcada para que ninguém se interesse por ela. A vizinhança escuta os gritos, mas ninguém faz nada para impedir a confusão.

A cena continua e o capitão Justos começa agredir Daniel. Nesse momento, a personagem de Tereza sai de cena. Justiniano afirma que usará o rapaz de “mulherzinha”, termo bastante utilizado quando se refere ao estupro de homens, associando que ser mulher remete a ser estuprada. Além disso, diz que o fará o rapaz de “chibungo”, palavra utilizada para se referir à homossexuais naquela época, alimentando uma linguagem homofóbica³² e escancaradamente colocando a orientação sexual de alguém como vergonhosa.

Por um momento, Tereza Batista surge na cena, e desfere uma facada nas costas de Justos, que cai lamuriando-se de dor. Daniel foge e deixa a menina sozinha enfrentando o capitão. Justiniano pergunta se Tereza não tem medo que ele a mate e ela diz em alto e bom som que o medo acabou e que a partir daquele momento, ele nunca mais faria nada com ela. Capitão Justos tenta atirar em Tereza, mas acaba morrendo devido a facada.

É notório perceber que Tereza mata o capitão Justos para não morrer e não ser mais abusada. É importante ressaltar que Justiniano nunca pagou judicialmente pelos atos que cometia contra a menina e contra as outras mulheres com quem viveu, por ter a amizade e a benevolência das autoridades municipais. Com sua morte, Tereza (que nesta fase ainda é uma menina de 13 anos) é presa, espancada e torturada dentro da prisão.

Outro ponto a ser destacado é que apenas a menina foi julgada pelo crime. As testemunhas colocaram Tereza como a única culpada, afirmando que ela teria seduzido o jovem baiano. Daniel, que é filho do juiz Eustáquio (Nelson Dantas), foi ouvido e afirmou que foi conquistado por Tereza. Indagou que a menina teria se insinuado e ele, como homem, tinha suas necessidades e acabou não resistindo à sedução da menina. Tereza, que está completamente

³² Homofobia: termo utilizado para expressar a rejeição à homossexualidade ou ao homossexual.

machucada, jogada em um canto de parede, ainda é obrigada a escutar todo o falso testemunho de Daniel, sem direito nenhum à defesa. Após Daniel ser liberado, Tereza volta para carceragem e continua sendo espancada pelos policiais, por ordem do delegado.

Figura 8: Tereza Batista é espancada na prisão por ter matado Capitão Justos



Fonte: Youtube

A partir dessa discussão, destacamos o fato de que Tereza Batista, por sua condição de mulher em uma sociedade cuja base está ancorada na mais profunda violência, foi abusada, torturada, espancada, vítima de todos os tipos de violência e ainda foi julgada por seduzir um homem que saiu ileso pela morte do capitão. Sem contar que ela era uma menina, de apenas 13 anos, quando tudo isso aconteceu. Qual era a finalidade da minissérie? Colocar a menina no papel de sedutora e mostrar como deveriam ser tratadas as mulheres que traíam ou que não obedeciam a seus cônjuges? É necessário analisar que a abordagem feita por Vicente Sesso na minissérie reforçava a figura da mulher no papel de assassina e culpada, mesmo diante de todas as atrocidades vividas por ela. O autor nunca colocava a personagem como vítima, e sim como a culpada pelos olhares pecaminosos, pela traição e pela morte de Justos.

3.2.2 TEREZA BATISTA COMO DEFENSORA DAS MULHERES: SORORIDADE

A sociedade patriarcal promoveu, desde sempre, a rivalidade feminina. A sororidade é definida como a união e a aliança entre mulheres baseadas na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum (SOUZA, 2016 apud ALDA; SILVEIRA 2018, p. 1). E apesar do enredo da minissérie colocar as mulheres em uma posição de objeto sexual e reforçar a cultura do machismo e do estupro, a obra também aponta elementos interessantes naquilo que diz respeito a Tereza Batista enquanto defensora da figura feminina, na medida em que, por menos expressivo que seja, a sororidade nas posições defendidas de Tereza precisam ter o referido destaque.

Tereza Batista da Providência Divina, este foi o apelido dado à personagem já na fase adulta, no episódio 13, no qual Tereza salva a adolescente Maria de um estupro coletivo. No momento ela fala que homem nenhum agarra e bate em mulher na presença dela. Quando Tereza enfrenta os homens e resgata a menina, uma mulher que presenciou toda a ação pergunta o nome dela, ela responde e a mulher complementa: Tereza Batista da Providência Divina. É cabível destacar, em função da cultura que faz parte do contexto onde a narrativa se passava ou mesmo, da obra, a forte presença da religião do candomblé na minissérie, onde os orixás se fazem presentes nos momentos em que Tereza está em aflição, característica bem contundente nas obras de Jorge Amado, que também foi trazido para a ficção seriada na adaptação.

Santos, Magalhães e Silva (2020) debatem da seguinte forma:

A Umbanda e o Candomblé, na escrita amadiana, aparecem como práticas de valorização, reconhecimento cultural e exemplo de resistência de um povo silenciado e negado em tantos outros aspectos. A religiosidade expressa na narrativa de Jorge Amado manifesta-se como experiência de resistência e ancestralidade (SANTOS; MAGALHÃES; SILVA, 2020, p.30)

A seguir, dispõe-se a figura 9, na qual Tereza é protegida e guiada pelo orixá Iansã, Oyá:

Figura 9: Presença de lansã no momento em que Tereza estava em perigo.



Fonte: YouTube

No tocante ao feminismo, em busca de respeito e igualdade perante a sociedade, a minissérie também aborda cenas que mostram a força de Tereza em defesa do direito e o respeito pelas mulheres. No episódio 12, já em sua fase adulta, Tereza faz *shows* pelo Nordeste. Em uma de suas apresentações, um homem encontra sua esposa com outro homem. Ele parte para cima dela, a agredindo diante de todos, soltando palavras de baixo calão contra a mulher e ninguém faz absolutamente nada. Tereza que vê tudo de cima do palco, desce e cobra satisfações do homem. Diz que não aceita homem que bate em mulher, e cospe na face do traído. Ele parte para cima de Tereza, que é segurada por outro homem e a esbofeteia. Tereza revida a agressão e a multidão que estava presente não faz absolutamente nada para separar a briga. A confusão só termina após Tereza ser salva pelo seu grande amor, Januário Jereba (Humberto Martins).

Outra situação que remetemos a um ato de 'sororidade' e união feminina foi a revolta das meretrizes de Salvador. Nesta fase final da minissérie, Tereza Batista reside em uma pensão na capital baiana. Movido por ambição, um forte empresário do ramo mobiliário consegue um alvará que obriga as prostitutas e donas de "castelos" a se mudarem do bairro da "Barroquinha", para a "ladeira

do Bacalhau”. Inconformadas pelas condições sanitárias oferecidas nas novas instalações, elas se negam a se mudar. Uma forte repressão policial contra as mulheres se inicia. As autoridades entram em suas residências, as tiram à força e quebram tudo no lugar. Palavras, gestos e ameaças colocam as mulheres em condições humilhantes e reforçam um sexismo escancarado.

Naquela época, a procura por prostitutas era bastante alta, conforme retratado na obra. Inconformada com a injusta situação, Tereza Batista sai visitando todos os prostíbulos e convence todas as cafetinas a não se renderem. Pelo contrário, ela levanta um movimento denominado “Balaio Fechado”, onde nenhuma mulher do meretrício poderia ter relações com homem algum. Uma das personagens e líder do movimento junto com Tereza, “Nirinha Cabaré”, demonstra o descaso com as mulheres na fala: “Não podem fazer isso com a gente. Nos tratam pior que animal. A polícia chega, bate, mata e ninguém faz nada.”

Diante de toda a represália, com várias cenas de violência contra as mulheres, que inclusive viraram notícias nos veículos de mídia da Bahia, a sociedade passou a ficar do lado das mulheres, indo contra a decisão judicial da retirada das meretrizes da Barroquinha. Devido à população se voltar contra a retirada das mulheres, a pressão feita por elas e a segurança no cumprimento da greve, a polícia e o Judiciário acabam cedendo e desistem de retirá-las do local onde viviam. Um dos poucos momentos na minissérie que valoriza e retrata a união das mulheres, aqui remetemos a uma nítida demonstração de empoderamento feminino.

É importante notar que a comunicação e diálogo eram centrais na pauta das sessões de conscientização. Em vários grupos, a norma era honrar a voz de todas. As mulheres se revezavam para falar, assegurando que todas pudessem ser ouvidas (HOOKS, 2020, p. 27).

Figura 10: "Nirinha Cabaré" e Tereza Batista lideram o movimento "Balaio Fechado".



Fonte: YouTube

A sororidade é poderosa (HOOKS, 2020). E foi através dela que as meretrizes da Barroquinha perceberam o quanto a união feminina era importante para o processo de resistência. Elas conseguiram vencer a repressão e se mantiveram no mesmo lugar. Esse episódio mostra a necessidade do feminismo e da união das mulheres em prol de suas causas. Demonstra também a força e a confiança em sua própria voz.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, em pleno século XXI, é fato que ainda existem a desigualdade salarial, o abuso sexual, a violência contra a mulher e os altos índices de feminicídio. Vivemos em uma sociedade que ainda culpa a vítima de estupro pelo ato, perguntando se ela estava bêbada ou a roupa que ela estava vestindo. Vivemos em um país que ocupou o quinto lugar no ranking de países que mais tiveram casos de feminicídio, em 2019, com 1.326 mortes de mulheres, provocadas pelo ódio ao gênero feminino.³³

Quando abordamos o feminismo negro, estamos falando de milhares de mulheres que sofrem violência e racismo e que têm que lutar todos os dias contra

³³ Disponível em: <https://www.sindmetalsjc.org.br/noticias/n/5296/brasil-esta-entre-paises-com-maior-numero-de-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 13 mai. 2021.

o preconceito de gênero e de raça, inclusive dentro do movimento próprio feminista. Na busca pelo seu lugar de fala, mulheres negras feministas expressam resistência e muita luta.

Pessoas não nascem feministas, se tornam feministas. Uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação (HOOKS, 2020). É através de vivências e experiências que percebemos a importância do feminismo em nossa sociedade e como ele nos faz perceber o quanto ainda precisamos evoluir quando se trata de igualdade de gênero e direito das mulheres.

Os meios de comunicação exercem forte poder de influência na vida das pessoas, sejam em construção de identidade, opinião ou pelo simples ato de informar (SILVA, 2020). Desse modo, é crucial que temas delicados e necessários sejam abordados de forma correta na mídia, o que muitas vezes, não acontece.

Quando analisamos a minissérie exibida em 1992, via televisão, vimos que estes enredos eram comuns na mídia, já que temas como feminismo, machismo e violência contra a mulher, não eram tão discutidos na sociedade. Quando buscamos a minissérie na plataforma digital *YouTube*, percebemos que milhares de pessoas ainda consomem este tipo de entretenimento que reforça tantas ideias machistas, sexistas e opressoras. Apesar de vivermos em uma época que exalta a importância dos debates desses temas, internautas inclusive pedem a volta deste tipo de produção em canais abertos. Isso se dá pela relação do *analógico x digital*, que reproduz e transmite o conteúdo nesta nova era, mesmo reforçando estigmas que não devem ter mais espaços perante a sociedade e que continuam alimentando a misoginia, deixando de lado toda a força e resistência da luta feminina.

A minissérie *Tereza Batista*, apesar de ser uma obra de 1992, ainda é extremamente atual, pois mostra a realidade de milhares de mulheres que vivem situações de abuso e violência doméstica. Tereza, sendo representada por uma atriz negra, de longos cabelos crespos, reforça a cultura da objetificação do corpo da mulher negra, que ainda existe nas produções audiovisuais. Sem dúvida, *Tereza Batista* foi uma obra do escritor baiano Jorge Amado, reproduzida pela Rede Globo, que encantou milhares de pessoas e que teve seu momento de grande sucesso. Mas, apesar de todo o renome, não se pode esquecer como

a minissérie destacou e reforçou estereótipos, estigmas e colocou a figura feminina em situações humilhantes.

Ainda nos dias atuais, o papel de mulheres em produções audiovisuais da Rede Globo não está em ascensão completamente. Enredos que ainda as colocam em papéis secundários, romantizam o estupro, objetificam seus corpos são comuns nas produções da emissora, como na telenovela *Império* (2014) que está sendo reprisada este ano devido a pandemia da Covid-19, e *A Dona do Pedaço* (2019).

Diante do que foi exposto, é necessário destacar a importância de retratar corretamente os desafios e as lutas diárias enfrentadas pelas mulheres. Mostrar sim, a violência contra a mulher, os problemas enfrentados pela classe feminina nas produções audiovisuais, mas, de uma maneira que faça a sociedade refletir e criar uma visão crítica sobre o assunto exibido.

Sabemos que não é fácil. Mas, diante do que apresentamos, queremos que a sociedade observe e analise o tipo de mídia que consome. Que se faça uma reflexão e pergunte se realmente aquilo faz criar uma nova visão de mundo ou desperta um olhar crítico diante de certos temas. A ideia primordial deste trabalho é analisar como a mulher era retratada na minissérie *Tereza Batista*, mas, também mostrar que as mulheres ainda sofrem preconceitos, estereótipos e não possuem o devido destaque, tanto na vida real como nas obras de ficção.

Queremos que este trabalho, além de nos fazer analisar o que consumimos de mídia e o papel da mulher nas obras midiáticas, nos faça mudar atitudes diárias que exercemos para com as mulheres. Frases e discursos machistas, objetificação dos corpos, erotização precoce, discursos racistas e homofóbicos devem ser excluídos de nossas falas.

5. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. B. de C. . **Projetos de intervenção em educomunicação**. Campina Grande/PB, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, 1977 [S.L.].
- BEAUVOIR, S de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, v. 2, p. 361- 439.
- BORGES, Z. N.; PERURENA, F. C. V.; PASSAMANI, G. R.; BULSING, M. **Patriarcado, heteronormatividade e misoginia em debate: pontos e contrapontos para o combate à homofobia nas escolas**. Revista Latitude, v. 7, n. 1, 2013.
- BROWNMILLER, S. **Against Our Will: men, women and rape**. Nova York: Fawcett Columbine, 1975.
- BURGESS, J.; GREEN, J. **Youtube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Tradução Ricardo Giasseti. – São Paulo: Aleph, 2009.
- CHIARETTI, P.; SANTOS, W. C. **A incorporação da internet pela mídia televisiva: o Youtube no programa Domingo Legal**. [S.D.]; [S.L.]
- COLLINS, P.H. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31, nº 1, Janeiro/Abril 2016.
- COLLINS, P.H. **O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro e além disso**. Cadernos Pagu (51), 2017.
- D'ABREU, P. C. **Mulher em série: Investigações sobre o feminino e a infâmia na ficção seriada brasileira**. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo/SP, 2016.
- D'ABREU, P. C. **A mulher como símbolo estético do patriarcado: representações na ficção seriada**. XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vitória/ES, 03 a 05/06/2019.
- D'ALKMIN, S.M. **A conquista do voto feminino no Brasil**. 2006. [S.L.]
- DAMASCO, M.S.; MAIO, M. C.; MONTEIRO, S. **Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1979)**. Rev. Estudos Feministas, Florianópolis, 20(1): 344, janeiro-abril/2012.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**; tradução de Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

DORLIN, E. **Revolução do Feminismo Negro**. Revista *Ártemis*, vol. XXVII, nº 1; jan-jun, 2019, pp. 63-88

DUARTE, A. R. F. **Em guarda contra a repressão: as mulheres e os movimentos de resistência à ditadura na América Latina**. XXIV Simpósio Nacional de História, 2007.

ELISE, J. 7 histórias chocantes de mulheres que foram torturadas na ditadura. **UOL**. 2019. Disponível em:
<<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/03/27/historias-de-mulheres-vitimas-da-ditadura-militar.htm>> Acesso em: 28 abr. 2021.

FARIAS, M. K., & GRUBBA, L. S. (2017). **A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo**: de sufragettes às sufragistas. *Direito E Desenvolvimento*, 261-278.

FREITAS, E.C. de; PRODANOV, C.C. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2º Edição - Novo Hamburgo, Feevale, 2013.

Ranking das minisséries. **Folha de São Paulo**, 1994. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/02/ilustrada/7.html>> Acesso em: 30 mar. 2021.

GOMES, M. **O intertexto midiático: ficção seriada televisiva e adaptação de obras literárias: as ideias no fluxo das mídias**. *Conexão – Comunicação e Cultura*, v. 8, n. 15, 2009.

GURGEL, T. **Feminismo e Luta de Classe: História, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade**. *Diásporas, Diversidades e Deslocamentos*, 2010. [S.L.]

HAMBURGER, E. I. **A expansão do “feminino” no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80**. *Rev. Estudos Feministas*, v.15 n.1 Florianópolis jan./abr. 2007.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**; tradução Bhuvi Libanio. – 14º ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Tradução: Susana Alexandria. Editora Aleph, 2009.

LEAL, H. **Feminismo negro**. *Blogs de ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, V. 6 N. 3, 2020, p. 16-23.

Lei Maria da Penha. **Conselho Nacional de Justiça**, 2013. Disponível em:
<https://www.cnj.jus.br/lei-maria-da-penha/>. Acesso em 28/04/2021.

LIMA, M.; NÉIA, L. M. **Da telenovela à super-série: novas prospecções quanto ao horário das 23h da Globo**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Curitiba – PR, 04 a 09/09/2017.

LOBATO, C. D. S. A violência sexual contra crianças e adolescentes: (In)Eficácia da pena aplicada ao agressor sexual infantil. **Âmbito Jurídico**, 2019. Disponível em: <<https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/a-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-ineficacia-da-pena-aplicada-ao-agressor-sexual-infantil/>> Acesso: 01 abr. 2021.

MATTOS, S. **A evolução histórica da televisão brasileira**. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. (org.) 60 anos de Telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010. P. 23-55.

Minissérie conta a vida de Tereza Batista dos 13 aos 27 anos de idade, acompanhando sua transformação de menina em mulher, **Memória Globo**. 2006. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisseries/tereza-batista/>> Acesso: 30 mar. 2021.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

O direito penal, pedofilia e os crimes sexuais contra vulneráveis, **Âmbito Jurídico**, 2014. Disponível em: <<https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/o-direito-penal-pedofilia-e-os-crimes-sexuais-contra-vulneraveis/>> Acesso em: 1 abr. 2021.

QUINAN, J. A. **Abuso ou sedução? Uma análise da cultura do estupro em novelas brasileiras**. Trabalho de Conclusão de Curso, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

RIOT- SARCEY, M. **Histoire du féminisme**. Paris: La découverte, 2002.

SAFIOTTI, H. I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Cadernos Pagu (16) 2001: pp.115-136

SANTOS, J. B. **Novos movimentos sociais: Feminismo e a luta pela igualdade de gênero**. Revista Internacional de Direito e Cidadania, n. 9, p. 81-91, fevereiro/2011.

SANTOS, M. L. F. dos. **Cidade das mulheres em Quincas Berro D'Água: representações femininas em narrativas de Jorge Amado**. Revista Artemis, vol. 30, no. 1, 2020, p. 25.

SARTI, S. **O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido**, 1998. [S.D]; [S.L.]

SCAVONE, L. **Estudos de gênero: uma sociologia feminista?** Rev. Estudos Feministas. vol.16 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2008.

SILVA, L. L. O. M. **(In)visibilidade Trans, uma análise da série Pose do canal FX.** Trabalho de Conclusão de Curso, Unidade Acadêmica de Arte e Mídia, da Universidade Federal de Campina Grande, 2020.

SILVEIRA, M. E.; ALDA, L. S. **Nós mulheres: a importância da sororidade e do emponderamento feminino.** VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, Universidade Federal do Rio Grande, 19 a 21 de setembro de 2018.

SOUTO, L.; BRANDALLISE, C. Brasil teve 12 denúncias de violência contra mulher por hora em 2020. **UOL**, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/03/07/ministerio-da-mulher-apresenta-dados-de-2020.htm>.> Acesso em 28 abr. 2021.

STERNBACH, N. S.; NAVARRO-ARANGUREN, M.; CHUCHRYK, P.; ALVAREZ, S. E. SANTARRITA, M. **Feministas na América Latina: de Bogotá a San Bernardo.** Rev. Estudos Feministas, vol. 2, No. 2, Florianópolis, 1994, pp. 255-295.

TELES, M. A. A.; MELO, M. **O que é a violência contra a mulher?** Editora Brasiliense, 2017.

TIMOTEO, C. Q. **As transformações do movimento feminista no Brasil e sua relação com a América Latina.** Anais do V Simpósio Internacional de Lutas Sociais na América Latina, 10 a 13/09/2013.

VEDANA, B. B.; GERVASONI, T. A. **Os movimentos feministas na América Latina e as perspectivas para a efetivação dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres brasileiras.** Revista Ártemis, vol. XXIX, nº 1, jan-jun, 2020. pp, 279-298.